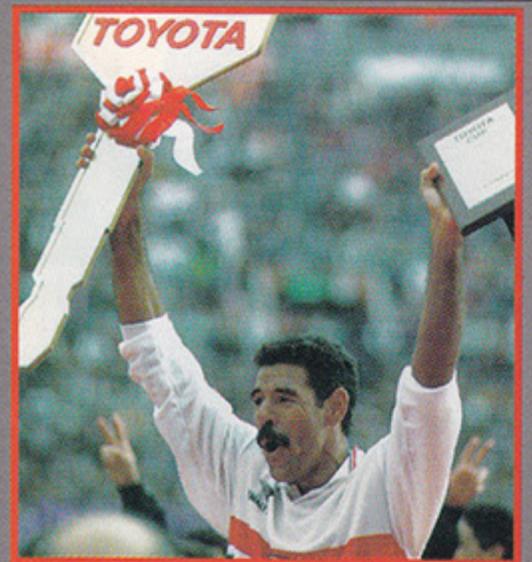


ESPECIAL



OS MAIORES ÍDOLOS DE TODOS OS TEMPOS



Apoio Cultural:

BARDAHL

Bradesco

Carrefour

Celmar

Celmar fabrica e quem lucra é você



Metropolitana
FORTE EM FIAT

FERNET AMARGO

UNDERBERG

100% NATURAL

Os maiores ídolos do maior clube do Brasil

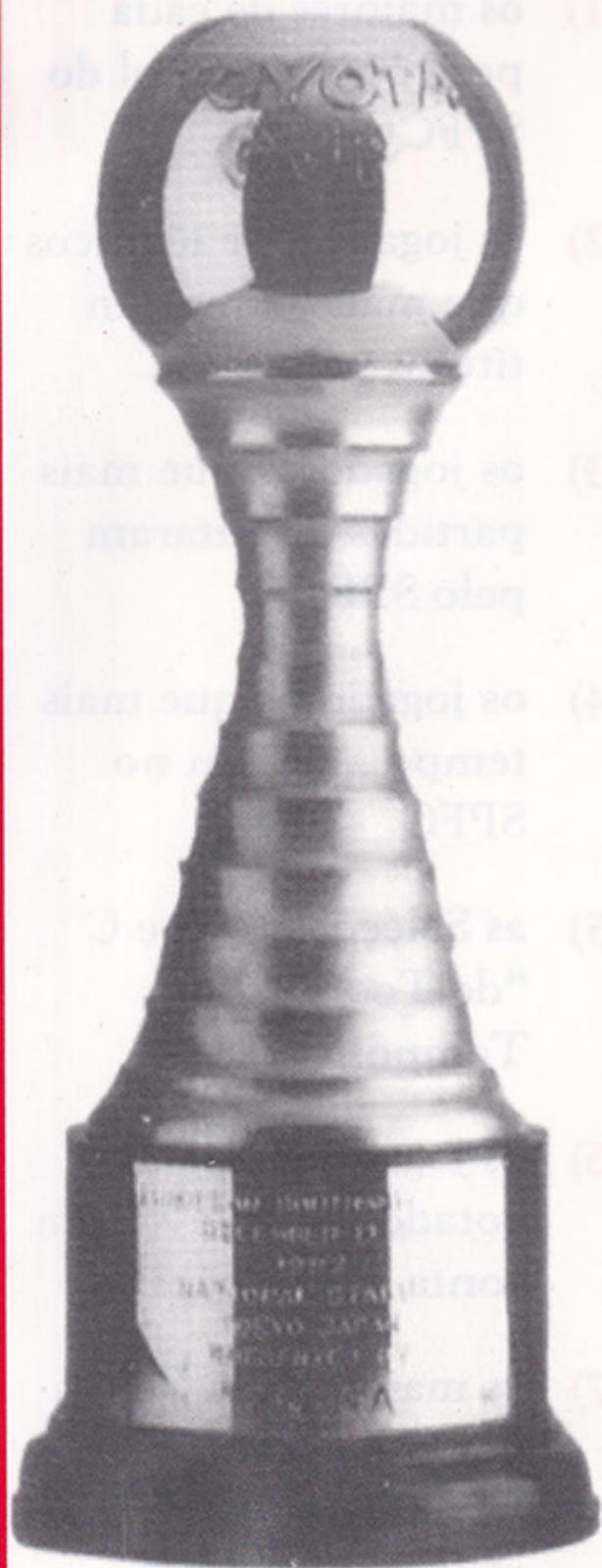
O São Paulo fez muitos ídolos na sua trajetória— dado ao número quase incontável de títulos que ganhou de 1930 a 1997. Muitas publicações, especialmente a revista “Placar”, procuram lembrá-los de vez em quando, fazendo pesquisas com torcedores e até montando as chamadas “Seleções de Todos os Tempos”. A “São Paulo Notícias”, revista oficial do São Paulo F.C., também seguiu por esse caminho, mas com um enfoque diferente: fez a pesquisa com os conselheiros— os homens que representam a alma são-paulina— não somente sobre a “Seleção de Todos os Tempos”, mas também sobre os maiores jogadores da história do São Paulo, posição por posição, e os maiores ídolos dos outros esportes, principalmente o atletismo e o boxe, de muito glamour e numerosas conquistas nos anos 40/60.

A idéia foi do conselheiro José Augusto Bastos Neto, que, a partir do segundo semestre de 1.996, assumiu a direção da “São Paulo Notícias”, dando-lhe periodicidade bimestral e participando, além da administração, das matérias envolvendo a Cultura Tricolor. Nunca faltou à revista, também, a colaboração do guardião do Arquivo Histórico, Agnelo Di Lorenzo, e dos conselheiros João Farah e José Acras, todos de memória prodigiosa quando se trata de SPFC.

A partir da edição 81 (janeiro/fevereiro-97), a “São Paulo Notícias” foi revelando o resultado da pesquisa com os conselheiros e as estatísticas complementares, publicando, em tópicos, os itens ao lado, agora consolidados nesta edição especial.

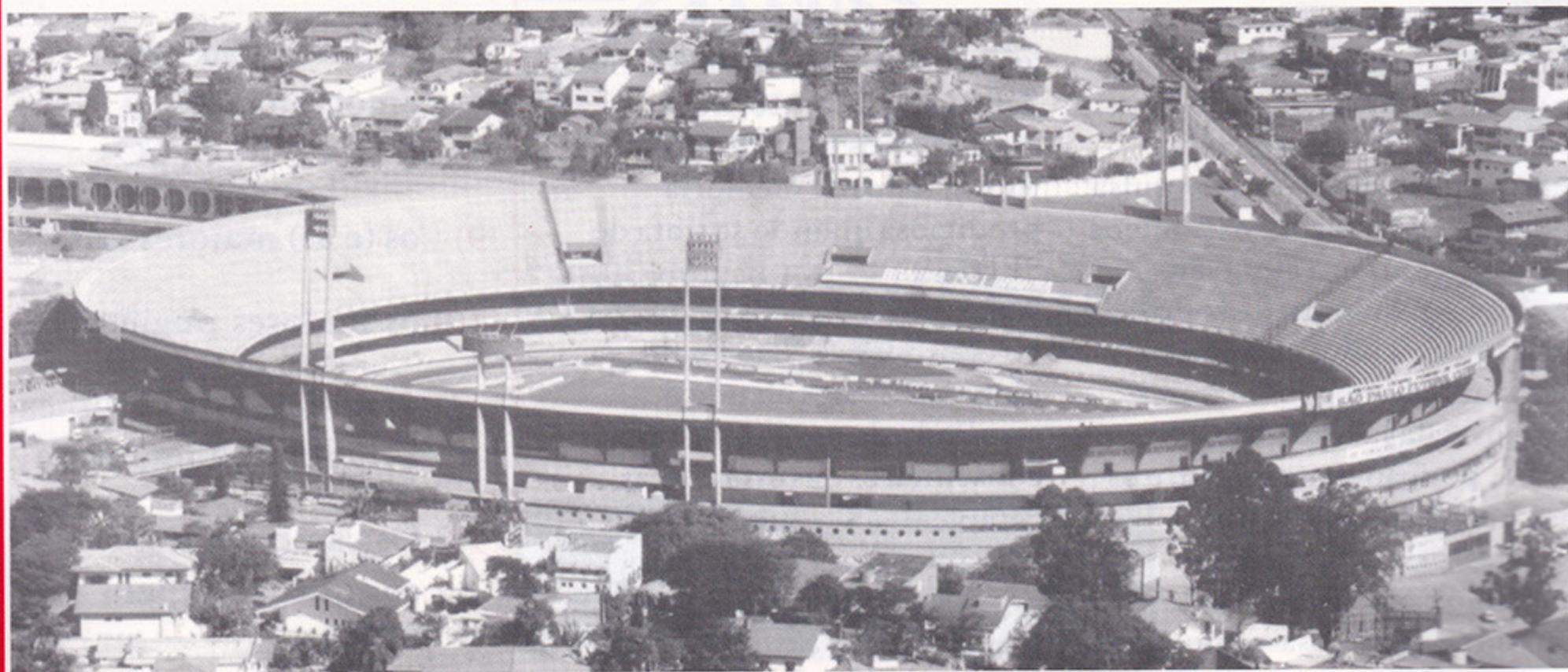
O editor da “São Paulo Notícias”

- 1) os maiores de cada posição do futebol do SPFC
- 2) os jogadores e técnicos que mais ganharam títulos pelo SPFC
- 3) os jogadores que mais partidas disputaram pelo SPFC
- 4) os jogadores que mais tempo atuaram no SPFC
- 5) as Seleções A, B e C “de Todos os Tempos”
- 6) os jogadores mais votados, sem levar em conta as posições
- 7) os maiores artilheiros por gols, por campeonatos, em um só jogo, por média
- 8) os cinco gols mais emocionantes da história do SPFC
- 9) os (e as) maiores atletas
- 10) os maiores pugilistas
- 11) as maiores na aeróbica e no futebol feminino
- 12) Os campeonatos conquistados pelo SPFC



***Esta revista
histórica do
São Paulo F. C.
pertence a***

***Gonçalo Gonçalves
Atleta***



Os maiores

Os conselheiros votaram e escolheram os maiores jogadores do São Paulo em todos os tempos. São seis por posição. Nas páginas seguintes, os maiores goleiros e laterais-direitos.

Em pesquisa realizada no ano passado, os torcedores do São Paulo escolheram, através de cartas enviadas à São Paulo Notícias, o "Time dos Sonhos", ou seja, uma seleção imaginária compondo o "São Paulo de Todos os Tempos".

O time escolhido, conforme publicado na edição 79, foi este: Zetti, Cafu, Mauro, Dario Pereyra e Leonardo; Chicão, Raí e Gérson; Muller, Leônidas e Canhotoeiro.

Antes, em 1994 e também em 1981, a revista Placar fez pesquisas semelhantes - não com são-paulinos desconhecidos, mas com torcedores ilustres, dirigentes, jogadores, ex-jogadores, jornalistas, enfim, com pessoas mais conhecidas e do

mesmo modo acima de qualquer suspeita.

O time escolhido em 94 foi este: Poy, Cafu, Mauro, Dias e Noronha; Bauer, Pedro Rocha e Gérson; Muller, Leônidas e Canhotoeiro.

passaram pelo nosso time e que, às vezes por um voto, não foram escalados nesses times.

O que fazer, então?

Procuramos uma solução e a encontramos.

Pedimos aos conselheiros que escolhessem os melhores jogadores do São Paulo em todos os tempos, estabelecendo critérios para que não fossem

esquecidos nem os jogadores mais antigos nem os mais novos. Os mais votados terão um privilégio: apresentaremos um histórico de cada um deles no São Paulo - conforme dados constantes do arquivo do clube (gerenciados por Agnelo de Lorenzo) e da memória e anotações do próprio Agnelo e dos conselheiros José Acras, João Farah e José Augusto Bastos Neto.

de todos

Em 1981, os onze foram estes: Poy, De Sordi e Mauro; Rui, Bauer e Noronha; Luizinho, Sastre, Leônidas, Gérson e Canhotoeiro.

Dario Pereyra ou Dias? Poy ou Zetti? Leonardo ou Noronha? Chicão ou Bauer ou Raí ou Pedro Rocha ou Sastre...

Na verdade, todos eles - e mais outros craques sensacionais que

os tempos

A ordem dos seis mais votados na página obedece ao critério da antiguidade



Nome: Nivacir Innocêncio Fernandes
Apelido: King
Jogos disputados pelo SPFC: 188
Ano de entrada no clube: 01/36
Data de saída: 01/03/48
Gols sofridos no SPFC: 267
Data de nascimento: 06/01/17
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 43, 45 e 46
Outros clubes em que atuou: Flamengo, em 37, retornando em 38 ao SPFC, e XV de Piracicaba no final da carreira.

Teve ótima participação no time campeão paulista de 43. Esse título marcou a consolidação do São Paulo como grande clube. Foi um título no qual só os são-paulinos acreditavam. Os palmeirenses e corinthianos zombavam, lembrando o jogo da moeda: "se der cara, dizem eles, ganha o Palmeiras; se der coroa, ganha o Corinthians. O São Paulo só ganhará se a moeda cair em pé". Pois ela caiu, graças, também, às ótimas defesas de King.



Nome: José Poy
Apelido: Poy
Jogos disputados pelo SPFC: 565
Data de entrada no clube: 01/07/49
Data de saída (como jogador): 30/04/62
Gols sofridos no SPFC: 723
Nascimento: 16/04/26, em Rosário, Argentina
Falecimento: 08/02/96, em São Paulo
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 53 e 57
Outros clubes em que atuou: Rosário Central, da Argentina.

Foi um goleiro tão seguro que teve seu nome cotado para a Seleção Brasileira da Copa de 54, mesmo sendo argentino. A imprensa pressionou, os dirigentes chegaram a consultá-lo sobre a eventual naturalização, mas a idéia acabou não dando certo. Foi técnico do time diversas vezes de 63 a 83, tendo sido campeão paulista em 75, vice nacional em 71 e 73, vice da Libertadores em 74 e vice paulista em 82.



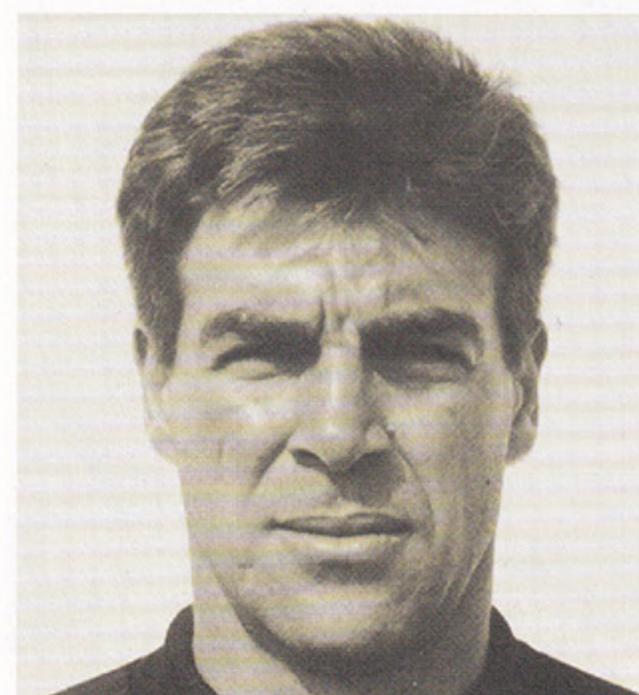
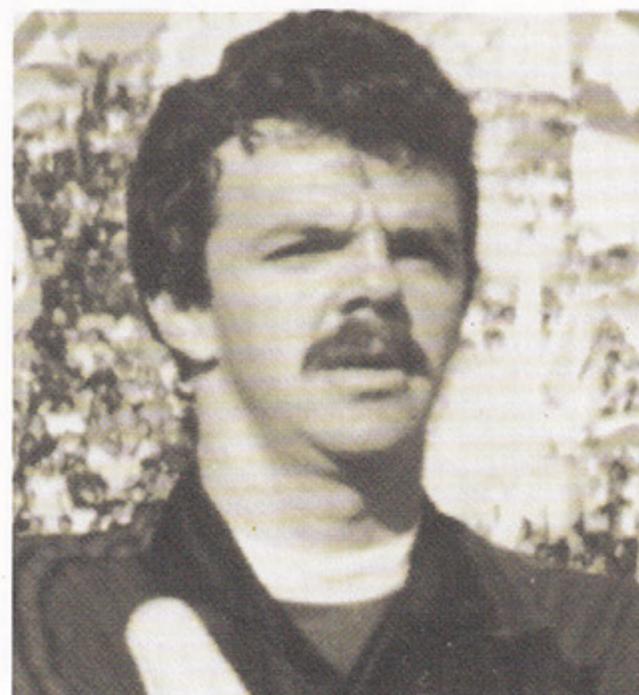
Nome: Sérgio Wagner Valentin
Apelido: Sérgio
Jogos disputados pelo SPFC: 199
Data de entrada no clube: 01/08/66
Data de saída: 11/01/75
Gols sofridos no SPFC: 147
Nascimento: 22/05/45, em Chavantes, SP
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista em 70 e 71

Outros clubes em que atuou: São José, Paulista, Taubaté e Corinthians.
 Na época em que apareceu, o São Paulo não ganhava títulos havia 13 anos. Depois de construir o Morumbi, o presidente Laudo Natel e sua diretoria contrataram alguns jogadores de nome para misturá-los com garotos das divisões de base. Sérgio foi um desses garotos. Suas atuações foram tão brilhantes que passou a ser chamado pela torcida de "São Sérgio", o santo dos milagres.

Os conselheiros também se lembraram de **Nestor**, goleiro que participou da campanha vitoriosa de 31 e se machucou; **Pedrosa**, de 38 a 40, que depois foi presidente do clube e da Federação Paulista de Futebol; **Caxambu**, de 37 a 43, a c; **Gijo**, campeão paulista de 45/46; **Mário**, campeão paulista de 48/49; **Suly**, goleiro gaúcho que atuou em meados dos

EROOS

e. Na edição 87 (janeiro/fevereiro de 98) divulgaremos os votos de cada um.



Nome: Valdir Perez Arruda
Apelido: Valdir Perez
Jogos disputados pelo SPFC: 597
Data de entrada no clube: 28/08/73

Data de saída: 31/07/84
Gols sofridos no SPFC: 514
Nascimento: 02/01/51, em Garça, SP

Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 75, 80 e 81, campeão brasileiro de 77

Outros clubes em que atuou: Ponte Preta e Corinthians. Integrou a Seleção nas Copas de 74, 78 e 82.

Seu grande concorrente nos anos 70 e início de 80 era Leão, do Palmeiras. Além de jogar bem, este último sabia se promover melhor. Mas Valdir era mais goleiro. Foi titular da Seleção Brasileira na Copa de 1982, integrando a equipe que mesmo não tendo sido campeã foi considerada a melhor do mundo - a exemplo do que ocorrera com a Hungria na Copa de 54 e a Holanda na de 74, além do Brasil de 50. Foi ainda um grande defensor de pênaltis. (ver matéria da pág. 38/39).

Nome: Gilmar Luiz Rinaldi
Apelido: Gilmar
Jogos disputados pelo SPFC: 222
Data de entrada no clube: 02/07/85

Data de saída: 30/07/91
Gols sofridos no SPFC: 186
Nascimento: 13/01/59, em Erechim, RS

Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 85, 87 e 89 e campeão brasileiro de 86

Outros clubes em que atuou: Internacional RS, Flamengo e Kashima do Japão

O gaúcho Gilmar tinha uma característica que o diferenciava: era líder. Dentro do campo, orientava o time como ninguém, dando bastante tranquilidade principalmente para os defensores. Como tinha uma cultura acima da média e se expressava articuladamente, era muito procurado para entrevistas - e nelas sabia se valorizar e valorizar o São Paulo.

Nome: Armelino Donizetti Quagliatto
Apelido: Zetti
Jogos disputados pelo SPFC: 428
Data de entrada no clube: 18/05/90

Data de saída: 31/12/96
Gols sofridos no SPFC: 509
Nascimento: 10/01/65, em Capivari, SP

Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 91 e 92, campeão brasileiro de 91, campeão da Libertadores de 92 e 93, campeão mundial interclubes de 92 e 93, campeão da Supercopa e da Recopa sul-americanas de 93, campeão da Recopa sul-americana de 94, campeão da Copa dos Clubes Brasileiros Campeões Mundiais de 95 e 96
Outros clubes em que atuou: Guaraní, Toledo, Londrina, Palmeiras e Santos (atualmente). Integrou a Seleção Brasileira campeã mundial na Copa de 94

Quando veio do Palmeiras, em 90, era um goleiro comum. Quase ninguém previa que ele iria se consagrar no SPFC, como acabou ocorrendo.

ante a mesma; **Joãozinho**, que esteve na final de 31; **Jurandir**, que também atuou nos primeiros anos da década de 30; é atribuída a invenção da ponte; **Doutor**, meados de 40, cujo apelido se originou no fato de ser estudante de medicina; e **Picasso**, também gaúcho, que veio do Juventus, depois de jogar no Palmeiras, e quase foi campeão paulista de 67.

LATERAIS

A ordem dos seis mais votados na página obedece ao critério da antiguidade



Nome: Laurindo Furlani
Apelido: Piolin
Jogos disputados pelo SPFC: 145
Data de entrada no clube: 01/04/42
Data de saída: 31/12/46
Gols marcados no SPFC: nenhum
Nascimento: 22/08/13, em Casa Branca, SP
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 43, 45 e 46

Não era de atacar, até porque na sua época os times jogavam com cinco avantes. Pendurou as chuteiras influenciado, provavelmente, por dois fatores: velhos companheiros, como Luizinho e Sastre, estavam parando; e o garoto Savério destacava-se nos aspirantes. Jogou em São João da Boa Vista e indicou dois jogadores dessa região para o SPFC: um veio (Mauro) e o outro acabou indo para o Vasco (Bellini).



Nome: Nilton De Sordi
Apelido: De Sordi
Jogos disputados pelo SPFC: 501
Data de entrada no clube: 01/01/52
Data de saída: 16/07/65
Gols marcados no SPFC: nenhum
Nascimento: 14/02/31 em Piracicaba, SP
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 53 e 57
Outros clubes em que atuou: XV de Piracicaba. Integrou o Brasil campeão mundial de 58

Era um jogador fora-de-série em termos de regularidade. Jogava sempre bem e sua noção de cobertura era inigualável. Apesar da pouca estatura, cabeceava muito bem. Por isso chegou a jogar de zagueiro central na Seleção Brasileira, além do São Paulo.



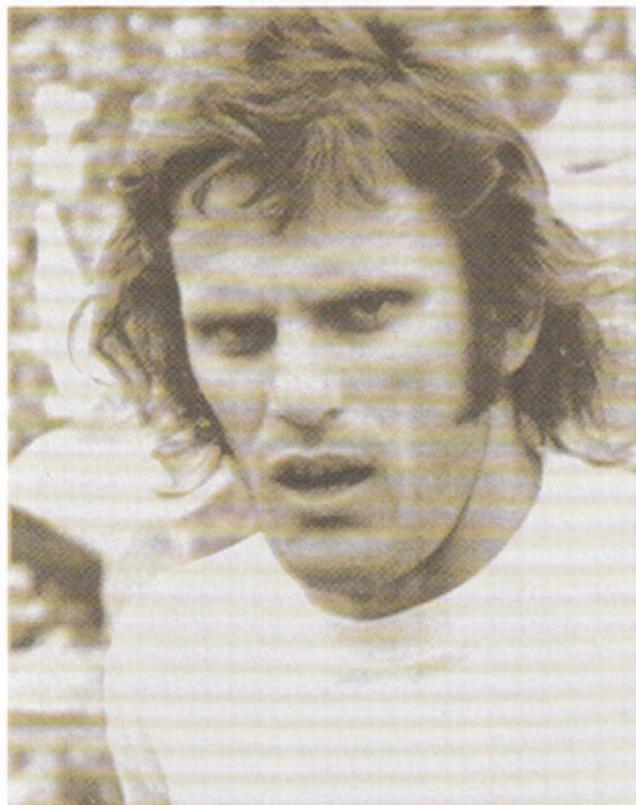
Nome: Getúlio Costa de Oliveira
Apelido: Getúlio
Jogos disputados pelo SPFC: 323
Data de entrada no clube: 01/09/77
Data de saída: 31/01/84
Gols marcados no SPFC: 24
Nascimento: 26/02/54, em Belo Horizonte, MG
Títulos conquistados no SPFC: campeão brasileiro de 77 e paulista de 80 e 81
Outros clubes em que atuou: Atlético Mineiro e Fluminense

Já era craque de seleção quando o São Paulo foi buscá-lo no Atlético-MG. Tinha um futebol refinado. Foi um grande batedor de faltas e pênaltis. Conforme a posição da falta, era gol na certa. Ficou inesquecível o gol de falta no goleiro Manga, em Campo Grande, fase decisiva do Brasileiro-81.

Os conselheiros também se lembraram de **Clodô**, campeão paulista de 31; **Agostinho**, que atuou em 34; **Zizinho**, então na Seleção Carioca; **Squarza**, raçudo beque uruguaio que depois foi cônsul no Brasil e que jogou em 43; **Savério**, campeão paulista de 48/49; **Nelsinho**, campeão paulista de 75 e 76.

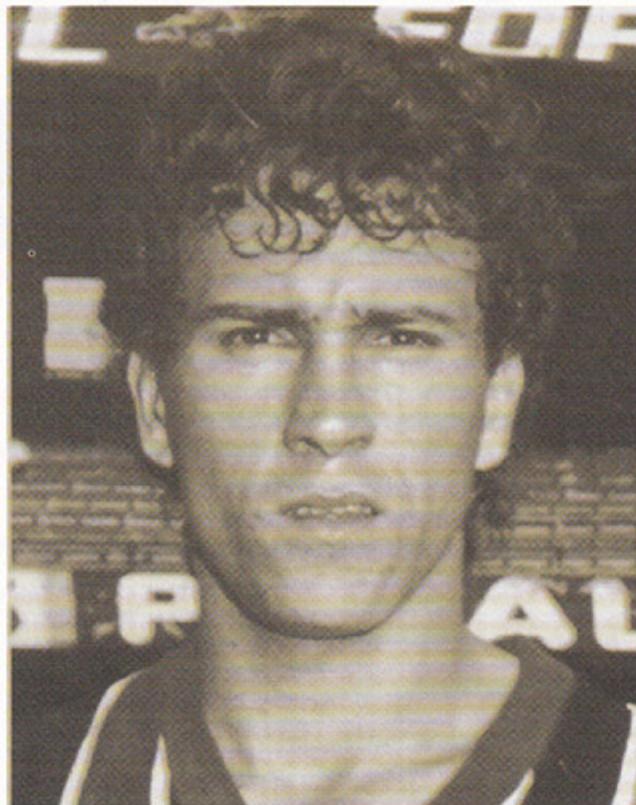
DIREITOS

e. Na edição 87 (janeiro/fevereiro de 98) divulgaremos os votos de cada um.



Nome: Pablo Justo Forlan Lamarque
Apelido: Forlan
Jogos disputados pelo SPFC: 237
Data de entrada no clube: 18/05/70
Data de saída: 01/09/75
Gols marcados no SPFC: 08
Nascimento: 14/07/45, em Soriano, Uruguai
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 70, 71 e 75
Outros clubes em que atuou: Peñarol. Integrou a Seleção do Uruguai na Copa do Mundo de 74

Destacava-se pela garra. Atribuiu-se a ele a frase: "O melhor momento de se amedrontar adversários são os primeiros cinco minutos do jogo, quando o juiz nunca dá cartão". Travou grandes duelos com Ney, do Palmeiras. O encontro deles era uma atração à parte.



Nome: José Teodoro Bonfin Queiróz
Apelido: Zé Teodoro
Jogos disputados pelo SPFC: 248
Data de entrada no clube: 23/08/85
Data de saída: 23/07/91
Gols marcados no SPFC: 07
Nascimento: 22/11/63, em Anápolis, GO
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 85, 87, 89 e 91 e campeão brasileiro de 86
Outros clubes em que atuou: Goiás e Guarani

Nos países andinos (Peru, Colômbia, Bolívia...) existem os "animadores de torcida", indivíduos pagos pelos clubes para levantar o ânimo dos torcedores. Mal comparando, Zé Teodoro era um "animador de torcida", só que dentro do campo e tendo a bola como companheira. Suas arrancadas provocavam o delírio; seus cruzamentos, fortes e rasantes, eram mortais.



Nome: Marcos Evangelista de Moraes
Apelido: Cafu
Jogos disputados pelo SPFC: 266
Data de entrada no clube: 28/10/88
Data de saída: 12/01/95
Gols marcados no SPFC: 40
Nascimento: 07/06/70, em São Paulo
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 91 e 92, brasileiro de 91, Libertadores de 92 e 93, mundial interclubes de 92 e 93, Supercopa e da Recopa sul-americanas de 93, Recopa sul-americana de 94
Outros clubes em que atuou: Zaragoza, Palmeiras (atual). Integrou o Brasil campeão do mundo de 94

Foi o lateral-direito que mais fez gols no SPFC não só pela excelência do seu futebol e do seu preparo físico como também porque exerceu mais funções ofensivas do que os outros, em atendimento aos esquemas táticos mais modernos.

saiu, voltou em 42 e num jogo pela Seleção Paulista sofreu uma fratura na perna numa disputa de bola com e faleceu recentemente; **Aníbal**, que atuou entre 38 e 40 e não alcançou o Esquadrão de Aço a partir de qual técnico do Corinthians; e **Vítor**, bicampeão mundial interclubes em 92/93.

Backs, halves, alas, centro-médios...

Como ficamos?

De Sordi não fez gols nos seus 501 jogos pelo São Paulo. Cafu jogou 266 vezes com a camisa do Tricolor e fez 40. Isto, no entanto, não serve como referência para dizer que um foi melhor que o outro. Essa definição, diz a história do futebol, tem de ser fundamentada em vários fatores...

Que o futebol surgiu na Inglaterra no século 19, quase todos sabem. Muitos não sabem, porém, que foi em 1846, na Universidade de Cambridge, de uma divisão do rugby. Este podia ser jogado com os pés e com as mãos; o futebol, só com os pés!

No começo não existia goleiro. O compromisso de todos os jogadores era mandar a bola no gol do adversário, então configurado por duas traves verticais, apenas. O aparecimento do goleiro, em 1871, foi uma evolução. Todos atacavam, menos um, chamado de goal-keeper - em português, guardador do gol.

Quando Charles Miller trouxe o futebol ao Brasil, no final daquele século, a trave horizontal já fazia parte do gol. Mas o goleiro continuou sendo chamado de goal-keeper, ou, aportuguesando, "golquipa".

Ao longo do tempo, o golquipa foi o único jogador que não teve suas funções misturadas:

Continuou sempre o guardador do gol. O mesmo, porém, não aconteceu com os outros dez. Os laterais foram, em épocas diferentes, chamados de backs, halves, beques, alfos, zagueiros,

alas... Alguns pontas são atacantes, outros volantes, outros...

No começo do século 20, os esquemas dos times eram definidos com dois beques, três alfos e cinco atacantes. Nos anos 30 para 40, o técnico húngaro Dori Krushner, contratado pelo Flamengo, revolucionou a tática, impondo o esquema conhecido como WM, onde o centro-médio passava a ser o "bom" - geralmente o capitão, o batedor de faltas, de pênaltis, o melhor salário, etc.

Nos anos 40 para 50, o técnico Flávio Costa inventou a "diagonal", fazendo com que o meia direita caísse para a esquerda, o alfo esquerdo entrasse pela direita e assim por diante. Como comparar, então, um alfo esquerdo que avançava com outro que ficava fixo, em outra época? Vejam que De Sordi não fazia gols, enquanto Cafu fazia muitos. Da diagonal para o 4-2-4 (de Bella Guttmann e Martin Francisco) foi um pulo rápido. Dois esquemas super-ofensivos. Foi com o 4-2-4 que o São Paulo surpreendeu e ganhou o título paulista de 57. Nos anos 60, o técnico Aimoré Moreira "foi obrigado" a armar

uma tática mais cadenciada para a Seleção Brasileira de 62. Os campeões do mundo remanescentes da Copa de 58 já não conseguiam correr muito. E estabeleceu-se o também vitorioso 4-3-3. Como comparar, então, um ponta recuado com um avançado?

Na Copa de 1970, o grande problema era escalar muitos jogadores de meio-de-campo juntos. Clodoaldo era volante de contenção, Rivelino e Gérson de armação, Tostão e Pelé voltavam para buscar a bola no meio campo, Carlos Alberto e Everaldo sabiam avançar como poucos... A solução encontrada foi o 4-4-2, com muita gente atacando, armando e defendendo.

No São Paulo dessa época, Forlan era um lateral-ponta-ala com uma garra de dar inveja. Gilberto atacava com muita rapidez, a mesma com que voltava para defender. Chicão defendia e avançava. E com que garra. Gérson lançava, Pedro Rocha também, Toninho Guerreiro também; Paraná defendia e atacava... O conceito do jogador-total começou aí e não parou mais. Só evoluiu.

... como época, esquema tático e outros. Mas essas dificuldades de comparação não poderiam, jamais, impedir nossos exercícios de cultura são-paulina. Na próxima edição traremos, na linguagem de hoje, os zagueiros centrais e os quartos-zagueiros mais votados pelos conselheiros.

Os maiores

Os conselheiros escolheram os maiores jogadores do São Paulo em todos os tempos. São seis por posição. Estamos publicando duas posições por edição. Na anterior, foram os goleiros e os laterais-direitos. Veja, nas páginas seguintes, os zagueiros-centrais e os quartos-zagueiros mais votados.

Definir o craque é fácil; a posição, nem tanto. Jurandir era zagueiro-central ou quarto-zagueiro? Houve uma época em que formou a dupla de zaga com Bellini. Era Bellini-Jurandir, Bellini pela direita, Jurandir pela esquerda. Em outra época, a dupla era Jurandir-Dias, Jurandir pela direita, Dias pela esquerda. São, enfim, posições que por si só se confundem, qualquer que seja o esquema do treinador.

Outras posições que se entrelaçam, pelo menos no São Paulo, são as de quarto-zagueiro e volante. Dias jogou nas duas; Dario Pereyra também. Os dois começaram atuando no meio do campo, espaço reservado aos craques mais completos. Recuaram para a quarta-zaga, por contingências da época, e se consagraram como ídolos. Certamente se consagrariam também

se continuassem apenas como volantes – posição que, aliás, também atuavam esporadicamente. E bem.

Perguntando a você, torcedor mais antigo: a nossa linha média dos anos 40 era Bauer, Rui e Noronha ou Rui,

Bauer e Noronha? Se você respondeu os dois, está certo. Primeiramente, era Bauer, Rui e Noronha. Em seguida, com o crescimento fora do comum do futebol de Bauer e a valorização tática da função de centro-médio, Bauer passou a centro-médio. Rui Campos ficava mais atrás, formando a dupla de área com Renganeschi ou com Mauro. Rui Campos, enfim, era alfo ou zagueiro? Era craque – e ponto final. Como é craque, atualmente, o curinga

Válber. Ele joga de zagueiro-central, quarto-zagueiro, volante... Está “escalado” nesta pesquisa como quarto-zagueiro porque foi nessa posição que recebeu mais indicações.

(Na pesquisa, muitos conselheiros votaram num determinado jogador como zagueiro-central e outros escalaram esse mesmo jogador como quarto-zagueiro. Há também esse tipo de entrelaçamento em outras posições, por causa dos diversos esquemas táticos que se desenvolveram ao longo da história do futebol. Usamos o critério do maior número de indicações (votos) para definir, por exemplo, Válber como quarto-zagueiro ou Jurandir como zagueiro-central. Isto é: eles foram mais indicados nas posições em que estão “escalados” na pesquisa. Mas todos os seus votos foram somados na apuração dos seis maiores.)

de todos os tempos

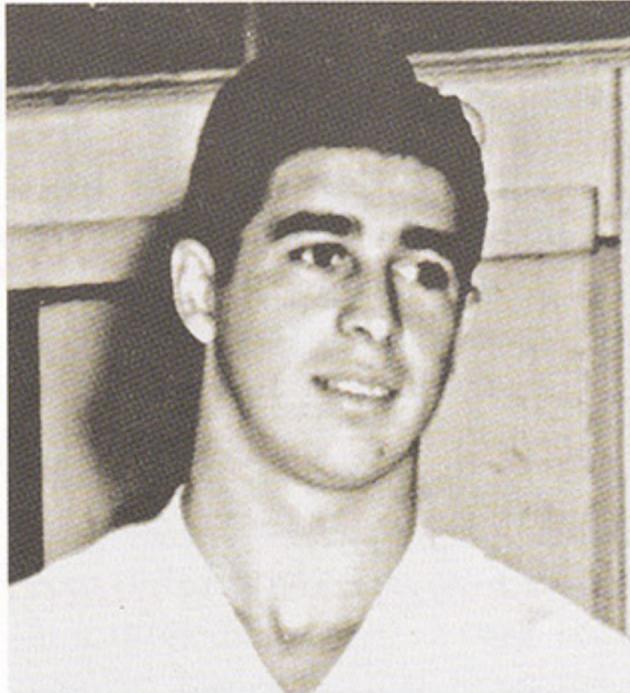
ZAGUEIROS

A ordem, nas páginas, dos seis mais votados obedece ao critério da antiguidade



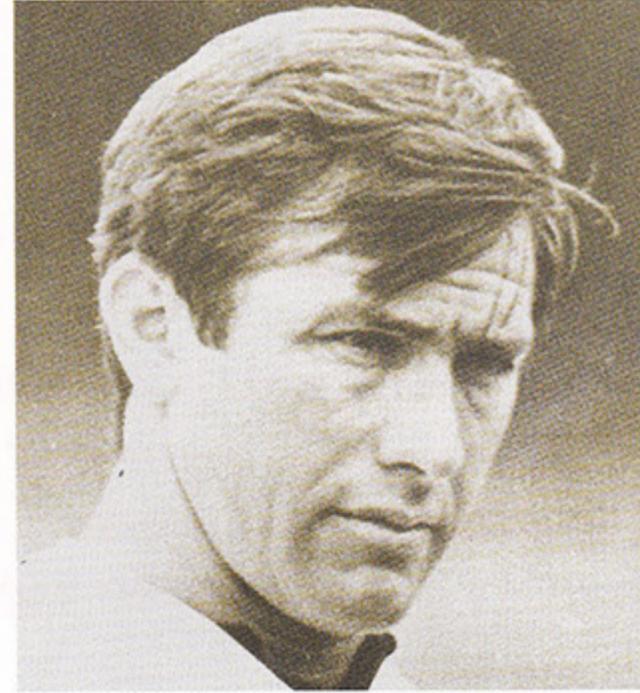
Nome: Armando Federico Renganeschi
Apelido: Renganeschi
Jogos disputados pelo SPFC: 107
Data de entrada no clube: 05/07/44
Data de saída: 31/12/48
Gols marcados no SPFC: 1
Nascimento: 10/05/13, em Buenos Aires, Argentina
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 45, 46 e 48
Outros clubes em que atuou: Fluminense (antes do SPFC) Jabaquara (depois do SPFC)

Renganeschi consagrou-se como ídolo do São Paulo por dois motivos: porque era um zagueiro clássico, seguro e raçudo e por ter exercido essa "raça" num lance importantíssimo, que deu o título paulista de 46 ao SPFC. Machucado, ele apenas fazia número já que naquela época não se permitiam substituições. Mesmo assim, arrastando a perna, fez o gol da vitória sobre o Palmeiras por 1 a 0. Foi técnico das divisões menores em 50 e 51 e foi técnico dos profissionais em 58.



Nome: Mauro Ramos de Oliveira
Apelido: Mauro
Jogos disputados pelo SPFC: 444
Data de entrada no clube: 01/02/48
Data de saída: 11/03/60
Gols marcados no SPFC: nenhum
Nascimento: 30/08/30, em Poços de Caldas, MG
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 48, 49, 53 e 57
Outros clubes em que atuou: Esportiva Sanjoanense (antes do SPFC) e Santos, para o qual teve o passe vendido pelo São Paulo

Foi campeão sul-americano em 49 e mundial em 58 e 62 pela Seleção Brasileira. Foi o zagueiro mais clássico da história do futebol brasileiro. Parecia pedir licença à bola para chutá-la e sempre que chutava, o fazia com classe, sem sobressaltos e com muita eficiência. Os adversários o apelidaram de Martha Rocha (miss Brasil muito famosa na época) devido a esse estilo que de certo modo fazia contraponto à brutalidade do futebol. Era também um grande cabeceador, além de líder dentro do campo. Foi capitão do SPFC e da Seleção Brasileira.



Nome: Hideraldo Luiz Bellini
Apelido: Bellini
Jogos disputados pelo SPFC: 204
Data de entrada no clube: 10/03/62
Data de saída: 31/05/68
Gols marcados no SPFC: 1
Nascimento: 21/06/30, em Itapira, SP
Títulos conquistados no SPFC: nenhum
Outros clubes em que atuou: Esportiva Sãojoanense de 49 a 51 e Vasco da Gama de 52 a 61

Consagrou-se como capitão da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 58, a primeira vencida pelo nosso País. Sua foto levantando a Taça Jules Rimet com as duas mãos sobre a cabeça é uma das marcas do futebol brasileiro. Tinha um estilo raçudo, voluntarioso, diferente do estilo clássico de Mauro, a quem veio substituir no São Paulo. Atuou no nosso time numa época ruim de títulos, visto que o clube se voltava mais para a construção do Morumbi. Mesmo assim foi um jogador bastante importante na história do São Paulo. Foi um dos primeiros jogadores a usar a imagem publicitariamente.

Os conselheiros votaram também em Bartô, campeão paulista de 31 e titular de seleções pa (atuou no fiantl dos anos 30); Turcão, dos anos 50, que jogava (e bem) em todas as posições da defesa, num 75; Samuel, zagueirão alto, forte e eficiente que veio da Ponte Preta em 73 e foi campeão em

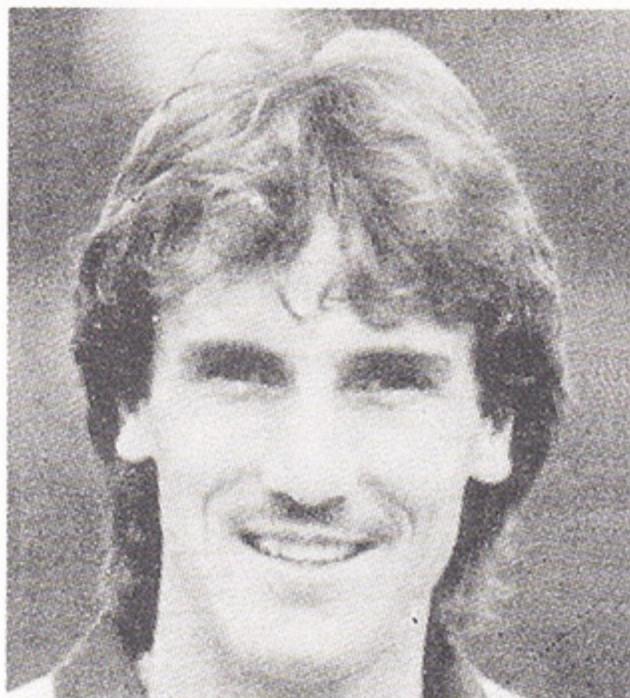
S-CENTRAIS

idade. Na edição 87 (janeiro/fevereiro 98) divulgaremos os votos de cada um.



Nome: Jurandir de Freitas
Apelido: Jurandir
Jogos disputados pelo SPFC: 395
Data de entrada no clube: 15/02/62
Data de saída: 31/07/72
Gols marcados no SPFC: nenhum
Nascimento: 12/11/40, em Marília, SP
Falecimento: 06/03/96
Títulos conquistados no SPFC:
bicampeão paulista em 70 e 71
Outros clubes em que atuou:
Corinthians e São Bento, ambos de Marília (antes do SPFC) e Comercial de Campo Grande, após receber passe livre do São Paulo

Foi campeão mundial em 62, pela Seleção Brasileira. Era um jogador grande e ágil. Tinha uma elasticidade parecida com a dos grandalhões do basquete norte-americano. Marcou época no SPFC tanto como quarto-zagueiro (formando dupla com Bellini) e como zagueiro-central (ao lado de Roberto Dias). Em seleções brasileiras atuou nessas duas posições. Gostava de dar entrevistas provocando adversários, o que o levava a ser bastante procurado pelos repórteres. Orgulhava-se por jamais ter faltado ou chegado atrasado a um treino.



Nome: José Oscar Bernardi
Apelido: Oscar
Jogos disputados pelo SPFC: 292
Data de entrada no clube: 02/07/80
Data de saída: 11/09/87
Gols marcados no SPFC: 14
Nascimento: 20/06/54, em Monte Sião, MG
Títulos conquistados no SPFC:
campeão paulista em 80, 81, 85 e 87 e campeão brasileiro em 86
Outros clubes em que atuou: Ponte Preta, Cosmos de Nova York (antes do SPFC) e Nissan do Japão, após receber passe livre do São Paulo

Era um bécão, desses que tanto podiam desfazer um ataque adversário com uma jogada clássica ou com um chutão para qualquer lugar ("para o mato", como se diz na gíria futebolística). Formou com Dario Pereyra uma dupla "intransponível", que ajudou a garantir ao São Paulo quatro campeonatos paulistas e um campeonato brasileiro em sete anos. Foi capitão do SPFC e da Seleção Brasileira. Fazia a torcida vibrar quando avançava para tentar gols de cabeça.



Nome: Antônio Carlos Zago
Apelido: Antônio Carlos
Jogos disputados pelo SPFC: 139
Data de entrada no clube: 01/08/88
Data de saída: 25/08/92
Gols marcados no SPFC: 11
Nascimento: 18/05/69 em Presidente Prudente, SP
Títulos conquistados no SPFC:
campeão paulista e brasileiro de 91, campeão da Libertadores em 92
Outros clubes em que atuou:
Albacete da Espanha, Palmeiras e Kashima-Reisol do Japão, todos depois do SPFC

Originário das divisões de base do SPFC, que o trouxe ainda amador do Mato Grosso, atuou as primeiras vezes no time principal como lateral-direito, firmando-se depois como zagueiro-central. Jogador de categoria, controle de bola, ágil e raçudo, além de defender muito bem, tomava inúmeras iniciativas de ataque em todas as partidas. Isto é: sabia atacar também. Era, na verdade, um craque. Ainda é, independentemente do time em que esteja jogando.

stas e brasileiras; Iracino, que atuou de 33 a 41 e depois ficou funcionário do clube; Filipelli errava pênaltis e tinha nível de seleção; Arlindo, revelado pelas divisões de base, campeão paulista de 71 e 5; Técao, campeão brasileiro de 77; Paranhos, zagueiro nordestino campeão paulista de 75.

QUARTOS-2

A ordem, nas páginas, dos seis mais votados obedece ao critério da antiguidade



Nome: Ruy Campos
Apelido: Rui
Jogos disputados pelo SPFC: 275
Data de entrada no clube: 01/05/44
Data de saída: 10/04/53
Gols marcados no SPFC: 6
Nascimento: 02/08/22
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 45, 46, 48 e 49
Outros clubes em que atuou: Palmeiras, para o qual teve o passe vendido pelo SPFC

Era um zagueiro bastante clássico desses que hoje em dia se fala que chamam a bola de "você".

Era convocação certa para as seleções brasileiras do final dos anos 40 e início dos 50 – época em que quase só se convocava jogadores do Rio de Janeiro. Foi, desta maneira, um dos únicos paulistas a sagrar-se campeão sul-americano inter-seleções de 1949 e vice-campeão mundial de 1950. Quando chegou ao São Paulo, formou a linha-média com Zarzur e Noronha. Depois, com Bauer e Noronha. Estas duas linhas-médias são inesquecíveis para todos os são-paulinos que as viram jogar.



Nome: Roberto Dias Branco
Apelido: Dias
Jogos disputados pelo SPFC: 450
Data de entrada no clube: 01/06/61
Data de saída: 26/09/73
Gols marcados no SPFC: 69
Nascimento: 07/01/43, em São Paulo, Capital
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 70 e 71. Neste ano sofreu um infarto. E só voltou a jogar no final de 72
Outros clubes em que atuou: Jalisco do México (cujo técnico era Mauro Ramos de Oliveira), após receber passe livre

Jogou na Seleção Olímpica em 1960, em Roma, formando o meio de campo com Gerson. Integrou diversas vezes a Seleção Brasileira. Foi o grande craque do São Paulo dos anos 60, década em que o time não conquistou nenhum campeonato paulista porque concentrava seus esforços na construção do Morumbi. Mas os torcedores iam a campo só para vê-lo, tamanha a intimidade que tinha com a bola. Colocava-a onde queria nas faltas perto da área. Dava chapéus inclusive em Pelé. Teve um infarto aos 28 anos, o que atrapalhou muito sua carreira.



Nome: Alfonso Dario Pereyra Bueno
Apelido: Dario Pereyra
Jogos disputados pelo SPFC: 402
Data de entrada no clube: 07/12/77
Data de saída: 20/10/88
Gols marcados no SPFC: 39
Nascimento: 20/10/56, em Montevideu, Uruguai
Títulos conquistados no SPFC: campeão brasileiro de 77 e 86, campeão paulista de 80, 81, 85, 87
Outros clubes em que atuou: Nacional de Montevideu (antes do SPFC) e, após receber passe livre, Palmeiras e Osaka do Japão

Era craque na bola e na raça, característica comum no jogador uruguaio. Chegou como volante e demorou para se firmar, o que acabou ocorrendo perto de um ano depois, quando foi deslocado para a quarta-zaga. Após ter ganhado confiança, voltou a atuar algumas vezes como volante e o fez com mestria. Suas arrancadas em direção ao ataque eram de tirar a respiração dos torcedores. Tinha uma velocidade incrível e um chute muito forte. Além de grande defensor e armador, fez muitos gols pelo SPFC.

Os conselheiros também se lembraram de Bino, campeão paulista de 31; Lisandro (final dos anos 30), atual o primeiro argentino e o segundo estrangeiro a atuar no SPFC (o primeiro foi o lateral-esquerdo uruguaio Arnaldo, campeão paulista de 32); Bino, campeão paulista de 31; Lisandro (final dos anos 30), atual o primeiro argentino e o segundo estrangeiro a atuar no SPFC (o primeiro foi o lateral-esquerdo uruguaio Arnaldo, campeão paulista de 32); Hélio I, nome forte do time de aspirantes pentacampeão de 43 a 47; Vítor, zagueiro que vestiu a camisa da Seleção Brasileira; Bezerra, campeão brasileiro de 77, c

ZAGUEIROS

idade. Na edição 87 (janeiro/fevereiro 98) divulgaremos os votos de cada um.



Nome: Ricardo Roberto Barreto da Rocha
Apelido: Ricardo Rocha
Jogos disputados pelo SPFC: 68
Data de entrada no clube: 24/05/89
Data de saída: 20/02/92
Gols marcados no SPFC: nenhum
Nascimento: 11/09/62, no Recife
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 89 e 91 e brasileiro de 91
Outros clubes em que atuou: Santa Cruz de Recife, Guarani, Benfica (antes do SPFC), Vasco, Fluminense...

Jogador clássico, desses que saem com tranquilidade das situações mais difíceis. Dificilmente entrava no adversário para tomar-lhe a bola. Mas quando "dava o bote", não errava um. Era inigualável nas ações para cercar o atacante do outro time até que ele perdesse a bola. Foi um dos líderes do reerguimento do time que, vindo da Segunda Divisão do futebol paulista, sagrou-se vice-campeão brasileiro de 90 e ganhou tudo em 91. Foi e é um dos jogadores que mais trocaram de clubes na história do futebol brasileiro.



Nome: Ronaldo Rodrigues de Jesus
Apelido: Ronaldo
Jogos disputados pelo SPFC: 176
Data de entrada no clube: 20/02/86
Data de saída: 01/04/94
Gols marcados no SPFC: 13
Nascimento: 19/06/65
Títulos conquistados no SPFC: campeão brasileiro de 86 e 91; paulista em 87, 89, 91 e 92; bi da Libertadores e bi mundial interclubes em 92 e 93; campeão da Supercopa e Recopa sul-americana em 93
Outros clubes em que atuou: Shimizu do Japão, Flamengo e Santos (todos depois do SPFC)

Foi útil como volante, lateral-esquerdo e logicamente quarto-zagueiro. De físico avantajado, era (e é, hoje no Santos) muito raçudo, o que compensava uma certa falta de aprimoramento técnico. Tornou-se um dos símbolos das conquistas de 91 a 93. Os são-paulinos jamais esquecerão o carrinho que deu em Stoichkov no jogo com o Barcelona pelo Mundial Interclubes de 92. Para alguns, foi ali que começou a virada, já que o Barcelona vencia o jogo por 1 a 0, gol justamente de Stoichkov.



Nome: Válber Roel de Oliveira
Apelido: Válber
Jogos disputados pelo SPFC: 137 (até 12/96)
Data de entrada no clube: 25/08/92
Gols marcados no SPFC: 5
Nascimento: 31/05/67, no Rio de Janeiro
Títulos conquistados no SPFC: campeão da Libertadores/93 e bimundial interclubes em 92 e 93, campeão da Supercopa de 93, bi da Recopa sul-americana em 93 e 94.
Outros clubes em que atuou: São Cristóvão e Botafogo (em ambos antes do SPFC)

É um jogador espetacular. Dizem que a bola só faz amizade com quem consegue chutá-la sem feri-la. Válber é um desses. É amigo da bola. Ao longo dos anos, o que lhe sobrou em categoria lhe faltou em termos de disciplina. Mas agora, chegando aos 30 anos, está dando provas de que cumprirá a promessa de se redimir que fez a si mesmo e ao São Paulo. Se continuar assim, será por justiça um dos craques da Seleção Brasileira da Copa do Mundo de 98, na França. Hoje joga tanto de zagueiro quanto de armador.

conselheiro vitalício do clube; Fiorotti, que era do Estudantes e veio em 38, com a fusão; Ponzoníbio, 38/39, nana, em 31); Zarzur, zagueiro de alto nível, titular de seleções paulistas, cariocas (jogou no Vasco, também) e e, duro e raçudo, um dos grandes marcadores de Pelé na segunda metade da década de 50 e que, também por isto, e iniciou como lateral-esquerdo e se revelou como grande quarto-zagueiro.

Clássicos, vigorosos, líderes, importantes.

De Renganeschi a Dias; de Mauro a Ronaldão. Os zagueiros de área do São Paulo foram muito importantes não só na trajetória do clube, mas também na história do próprio futebol brasileiro.

O São Paulo tem uma história muito rica em se tratando de zagueiros de área. A começar por Bartô, o primeiro deles, campeão paulista de 31. Bartô era de seleção (paulista e brasileira) desde a sua época de Paulistano, nos anos 20. O argentino Renganeschi jamais será esquecido pelo são-paulino não só por sua eficiência, mas também pelo seu gol de "pura raça" que nos deu o título paulista de 46. Os torcedores mais jovens não conheceram Renga, mas sabem desta passagem e o têm na memória como ídolo. Mauro Ramos de Oliveira tinha, como se diz hoje, a cara do São Paulo. Era elegante, sóbrio, educado, fino e eficiente. Foi o capitão do nosso time durante bastante tempo,

como foi, também, capitão da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 62. Outro zagueiro importante na construção da imagem do SPFC ao longo do tempo foi Bellini. Sua foto com as duas mãos levantadas segurando a Copa Jules Rimet, após a vitória sobre a Suécia na final da Copa de 58, é um dos símbolos mais fortes do futebol brasileiro. Ele também foi capitão do São Paulo, na maior parte da década de 60. O Brasil não venceu a Copa de 82, mas aquela seleção também se tornou inesquecível. O capitão dela do mesmo modo era um zagueirão são-paulino, Oscar. O Brasil de 82, a Holanda de 74 e a Hungria de 54 foram os vices-campeões mais campeões da história do futebol. São mais lembrados do

que os campeões. Roberto Dias é considerado por muitos o maior craque do São Paulo de todos os tempos. Dava gosto vê-lo jogar. Até hoje, como professor de futebol na parte social do clube, ele dá shows, como controlar um cigarro sem deixá-lo cair no chão. Impressionante, não é? E quem não se lembra daquele carrinho do Ronaldão no atacante Stoichkov, do Barcelona, na final do mundial interclubes de 92. Lembrem-se que o Barcelona estava ganhando por 1 a 0 e dominava a partida. Ronaldão jogou a bola e Stoichkov pela lateral. O melhor jogador do Barcelona se retraiu. O Barcelona também. E o São Paulo cresceu, para vencer a partida.

Mauro, Bellini e Oscar foram capitães do São Paulo e também de seleções brasileiras inesquecíveis. Dias fazia o que queria com a bola. Ronaldão "assustou" o Barcelona na final do mundial Interclubes.

Os maiores

Os conselheiros escolheram os maiores jogadores do São Paulo em todos os tempos, desde a fundação do clube. Os seis mais votados entre laterais-esquerdos e volantes estão sendo destacados nas páginas seguintes. Estamos publicando duas posições por edição. Na anterior, foram os zagueiros-centrais e os quartos-zagueiros.

Uma posição que sofreu poucas alterações de função ao longo do tempo foi a lateral-esquerda. Desde Sasso, no início da década de 30, até Serginho, passada mais da metade dos anos 90, o lateral-esquerdo, antes alfo e médio-esquerdo, é aquele jogador que garante o lado esquerdo do campo quando o time está na defesa; e quando o time ataca, ajuda a atacar também, principalmente pelo seu setor. Serginho é um ótimo atacante; Noronha, anos 40, também o era. Alguns dos nossos laterais foram mais dados a defender. Nem por isso deixaram de ser eficientes. Tivemos, de qualquer modo, grandes craques atuando com a camisa 6. Eles estão nas duas páginas seguintes. A posição de volante tem história

tática diferente: suas funções mudaram muito ao longo do tempo, a começar pelo nome. Nos anos 40, o center-alfô era um dos três jogadores designados para armar jogadas; nos anos 50, o centro-médio foi va-

cada posição do ataque e o número 5 foi obrigado a recuar mais, a se preocupar menos com o ataque e mais com a defesa. Como Clodoaldo cumpriu magistralmente essa função na campanha vitori-

osa do tri, ele passou a ser um novo parâmetro para os volantes — que a partir daí ficaram conhecidos também como cabeças de área. Ou seja:

tinham a obrigação de dar o primeiro combate nos adversários, na frente dos beques..., às portas da área. Os volantes começaram a ser cabeças de área sozinhos; hoje dividem essa função com meias e até pontas.

Em qualquer das situações, quer na era do center-alfô, do centro-médio ou do cabeça de área, grandes craques atuaram com a nossa camisa 5. Eles estão nas páginas 22 e 23.

de todos

lorizado e geralmente era o melhor do time. No mínimo, o capitão. Atacava e defendia com liberdade porque quase sempre era craque; nos anos 60, o jogador que atuava nessa posição começou a ser chamado de volante, pela presença em quase todos os lugares do campo. Nos anos 70, o volante deixou de ser o bom do time, talvez por reflexo da Copa do México: o Brasil tinha um craque fora de série para

os tempos

LATERAIS-E

A ordem, nas páginas, dos seis mais votados obedece ao critério da antiguidade.



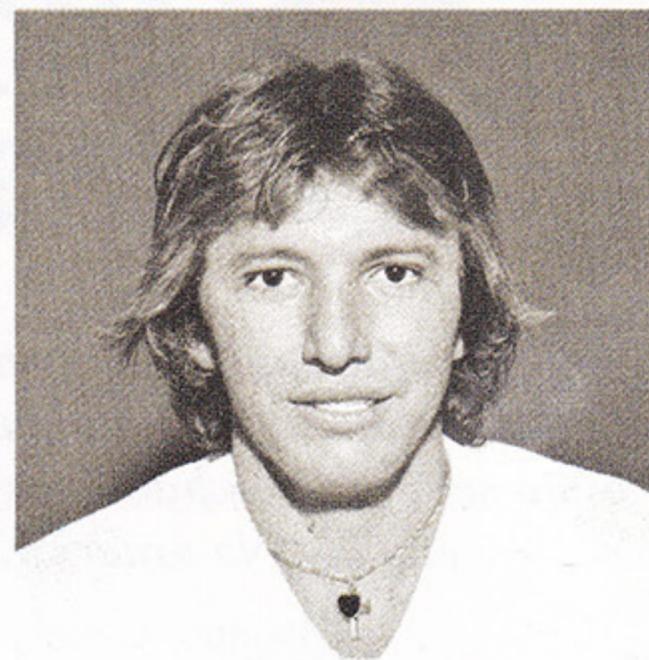
Nome: Alfredo Eduardo Noronha
Apelido: Noronha
Jogos disputados pelo SPFC: 309
Data de entrada no clube: 10/07/42
Data de saída: 17/10/51
Gols marcados no SPFC: 14
Nascimento: 25/09/18 em Porto Alegre-RS
Títulos conquistados no SPFC: Campeão Paulista de 43/45/46/48/49
Outros clubes em que atuou: Grêmio, Vasco da Gama (antes do SPFC), Portuguesa e Ipiranga

Foi um dos craques que tiveram participação importante para que a balança do futebol paulista inclinasse do lado do SPFC nos anos 40. Formou com Bauer e Rui uma linha média inesquecível, uma das mais famosas do futebol brasileiro em todos os tempos. Além da técnica refinada e da voz de comando, deu também seu toque especial nos cinco títulos da década de 40 com inesquecíveis gols de cabeça. Foi campeão sul-americano em 49 e vice mundial em 50 pela Seleção Brasileira.



Nome: Alfredo Ramos
Apelido: Alfredo
Jogos disputados pelo SPFC: 285
Data de entrada no clube: 01/01/50
Data de saída: 05/07/57
Gols marcados no SPFC: 3
Nascimento: 27/10/24, em Jacareí-SP
Títulos conquistados no SPFC: Campeão Paulista de 53
Outros clubes em que atuou: Santos (antes do SPFC) e Corinthians

O apelido, "Polvo", dá a dimensão da qualidade deste jogador: suas pernas finas e compridas agiam como os tentáculos do polvo, buscando a bola onde ela estivesse. Veio do Santos. Ambidestro, de início substituiu Rui ou Noronha. Em 53, com a saída de Noronha, efetivou-se como lateral-esquerdo — posição na qual foi convocado para a Seleção Brasileira que disputou o Sul-Americano de 53. Foi técnico do São Paulo no início dos anos 70.



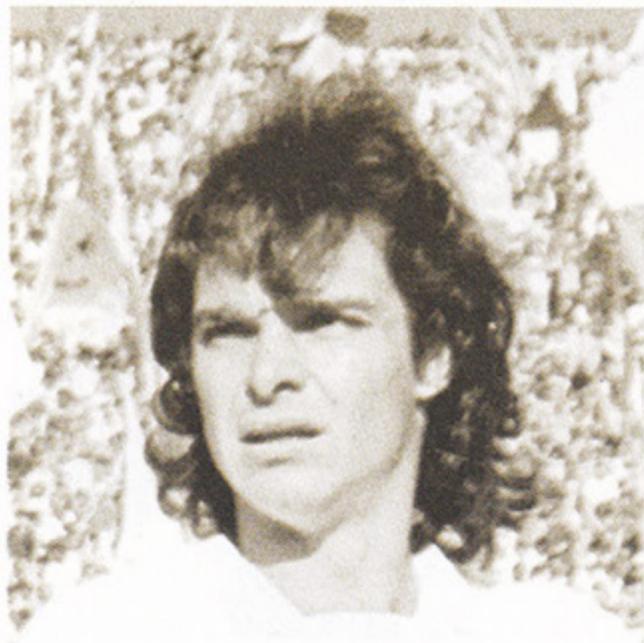
Nome: Francisco das Chagas Marinho
Apelido: Marinho Chagas
Jogos disputados pelo SPFC: 70
Data de entrada no clube: 07/01/81
Data de saída: 30/06/83
Gols marcados no SPFC: 2
Nascimento: 08/02/52 em Natal-RN
Títulos conquistados no SPFC: Campeão Paulista de 81
Outros clubes em que atuou: ABC, Náutico, Botafogo, Fluminense, New York Cosmos, Strikers (antes do SPFC)

Revelado no futebol Potiguar (ABC), destacou-se no Rio (primeiro Botafogo, depois Fluminense). Era craque na verdadeira acepção da palavra. Tinha uma categoria imensa em todos os fundamentos. Controlava a bola como ninguém, chutava maravilhosamente, aparava com um estilo e uma eficiência perfeitos. Atuou pouco tempo no SPFC, mas o suficiente para nos ajudar a ganhar o título paulista de 1982.

Os conselheiros votaram também em Sasso, campeão paulista de 31; Ornelas, campeão paulista de 1950, pela dimensão de seu pescoço, o que o fazia um exímio cabeceador; Riberto, campeão paulista de 1951; e Ivan, campeão paulista e da Libertadores de 1962.

SQUERDOS

idade. Na edição 87 (janeiro/fevereiro 98) divulgaremos os votos de cada um.



Nome: Néelson Luis Kerchner
Apelido: Nelsinho
Jogos disputados pelo SPFC: 447
Data de entrada no clube: 11/06/81
Data de saída: 31/07/91
Gols marcados no SPFC: 4
Nascimento: 31/12/62 em São Paulo-SP
Títulos conquistados no SPFC: Campeão Paulista de 80/81/85/87/89
Outros clubes em que atuou: Flamengo, Kashima e Corinthians

Outro lateral-esquerdo de alto nível formado nas nossas divisões inferiores, como Gilberto, André e o atualíssimo Fábio Aurélio. Era rapidíssimo nas descidas para o ataque e cruzava com muito perigo. Com força e efeito. Atuou diversas vezes na Seleção Brasileira. Em 91 foi emprestado para o Flamengo e, por ironia do destino, sofreu uma grave contusão no tornozelo justamente num jogo com o SPFC. Quando voltou já não era o mesmo e parou logo depois.



Nome: Leonardo Nascimento do Araújo
Apelido: Leonardo
Jogos disputados pelo SPFC: 94
Data de entrada no clube: 24/07/90
Data de saída: 30/06/94
Gols marcados no SPFC: 7
Nascimento: 05/09/69 em Niterói-RJ
Títulos conquistados no SPFC: Campeão brasileiro de 91 e, em 93, campeão mundial, da Supercopa e da Recopa
Outros clubes em que atuou: Flamengo (antes do SPFC), Valência, Kashima e Paris Saint German

Era (e continua sendo) tão craque que sua cotação alcança níveis comparáveis a Zico, Bebeto e outros grandes nomes do futebol brasileiro, menos Pelé e Leônidas. Joga, hoje no Paris Saint German da França e na Seleção Brasileira, tanto de lateral-esquerdo como de meia-esquerda, posições em que também atuou no SPFC. Deverá ser o capitão da Seleção na Copa da França, no ano que vem. Há grande expectativa de que retorne ao SPFC antes de encerrar a carreira.



Nome: Sérgio Cláudio dos Santos
Apelido: Serginho
Jogos disputados pelo SPFC: 54 até 05/06/97
Data de entrada no clube: 01/03/96
Gols marcados no SPFC: 05
Nascimento: 27/06/71 em Nilópolis-RJ
Títulos conquistados no SPFC: Campeão da Copa dos Campeões Mundiais
Outros clubes em que atuou: Itaperuna, Bahia, Flamengo, Cruzeiro

O técnico da Seleção Brasileira, Zagalo, que não costuma falar de jogadores não convocados, já sinalizou que o nosso atual lateral-esquerdo está próximo de uma convocação — o que fará justiça ao futebol supaveloz e cheio de dribles que ele demonstra desde que veio do Cruzeiro, no ano passado. Futebol tão eficiente que o levou a superar André, vendido, por isso, ao Corinthians.

Imbo, que atuou em meados da década de 30 e tinha o apelido de Ganso, esta de 57; Tenente, lateral raçudo dos anos 60; Gilberto, campeão várias vezes nos anos 70; 2; e André, vendido este ano ao Corinthians.

A ordem, nas páginas, dos seis mais votados obedece ao critério da antiguidade.



Nome: José Carlos Bauer
Apelido: Bauer
Jogos disputados pelo SPFC: 401
Data de entrada no clube: 01/04/46
Data de saída: 25/07/56
Gols marcados no SPFC: 18
Nascimento: 21/11/25
 em São Paulo-SP
Títulos conquistados no SPFC:
 Campeão Paulista de 45/46/48/49/53
Outros clubes em que atuou:
 Botafogo-SP depois do SPFC

Revelado nas divisões menores do clube em meados dos anos 40, seu futebol atingiu o clímax na época da Copa do Mundo realizada no Maracanã, em 1950, quando o maior estádio do mundo tornou-se uma das coqueluches do País — e Bauer ganhou o apelido de “Monstro do Maracanã”. Imaginem como ele jogava! — ainda mais sendo o único paulista titular da Seleção vice-campeã mundial de 1950. Foi ainda o capitão da Seleção na vitoriosa campanha do Pan-Americano de 52 e na Copa de 54.



Nome: Antônio Machado de Oliveira
Apelido: Pé de Valsa
Jogos disputados pelo SPFC: 208
Data de entrada no clube:
 09/10/51
Data de saída: 15/06/56
Gols marcados no SPFC: 10
Nascimento: 01/12/24
 no Rio de Janeiro-RJ
Títulos conquistados no SPFC:
 Campeão Paulista de 53
Outros clubes em que atuou:
 Fluminense-RJ (antes do SPFC)

O calção levantado acima do umbigo, realçando ainda mais a altura das pernas, que já era pouco comum, corpo leve e esguio, velocidade e uma incrível disposição faziam de Pé de Valsa um jogador diferente. Parecia valer por dois, pois a toda hora estava em todo lugar do campo — e, com seu tipo físico diferenciado, nunca deixava de ser notado. Ganhou o apelido por causa da facilidade com que driblava (o técnico Bella Gutmann chegava a multá-lo por dribles desnecessários).



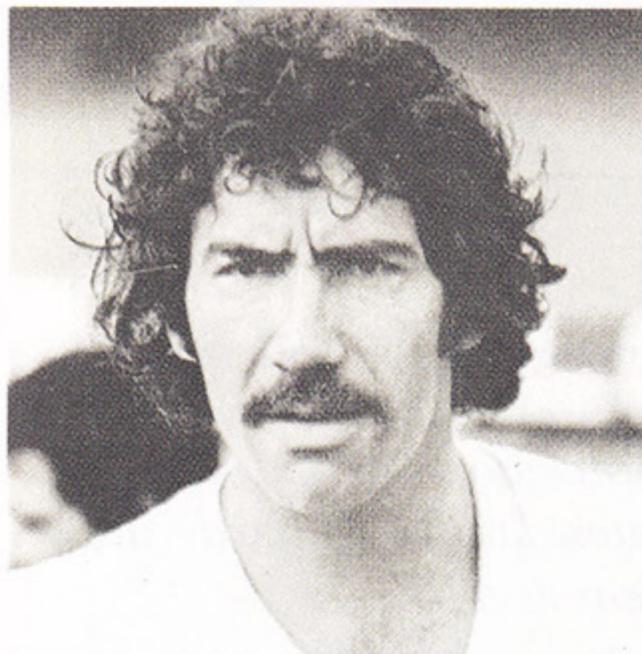
Nome: Dino Sani
Apelido: Dino
Jogos disputados pelo SPFC: 292
Data de entrada no clube: 12/02/54
Ano de saída: 1961
Gols marcados no SPFC: 81
Nascimento: 23/05/32
 em São Paulo-SP
Títulos conquistados no SPFC:
 Campeão Paulista de 57
Outros clubes em que atuou:
 Palmeiras, XV de Jaú, Comercial-SP (antes do SPFC), Boca Juniors, Milan e Corinthians

Um craque de renomada finesse, que até assustava o público com a maneira gentil com que tratava a bola. Começou como meia. Já se diferenciava dos demais quando o técnico Bella Gutmann, em 57, encontrou sua posição certa, médio-volante. Marcou muitos gols de falta no SPFC. Foi campeão mundial pela Seleção em 58, transferindo-se depois para o Boca Juniors da Argentina. Nos primeiros anos da década de 60 foi uma das estrelas do Milan da Itália.

Os conselheiros lembraram ainda de Milton, campeão paulista de 31; Hélio Siveira, destaque dos “aspirantes” de 50 e que atuou, de modo marcante, na final de 57; Édson, bicampeão paulista de 70/71; Teodoro, campeão paulista de 72/73 e mundial de 92; e Dinho, campeão paulista de 92/93 e mundial de 92; e Dinho, ca

ANTES

idade. Na edição 87 (janeiro/fevereiro 98) divulgaremos os votos de cada um.



Nome: Francisco Jesuino Avanzi
Apelido: Chicão
Jogos disputados pelo SPFC: 331
Data de entrada no clube: 28/08/73
Data de saída: 10/01/80
Gols marcados no SPFC: 12
Nascimento: 30/01/49 em Piracicaba-SP
Títulos conquistados no SPFC: Campeão Paulista de 75 e 80 e Campeão Brasileiro em 77
Outros clubes em que atuou: XV de Piracicaba, Ponte Preta (antes do SPFC), Atlético-MG, Santos, Corinthians de Prudente, Botafogo de Ribeirão Preto e Mogi-Mirim.

Era um jogador supervalente, que não tinha medo de cara feia e apavorava os que tinham. Comandava o time. Era tão forte e determinado que um problema crônico no nervo ciático mal o atrapalhava. Na Copa de 78, o técnico Cláudio Coutinho escalou um meio de campo sem "Chicão em jogos light e com Chicão nos outros, podem acreditar".



Nome: Paulo Roberto Falcão
Apelido: Falcão
Jogos disputados pelo SPFC: 10
Data de entrada no clube: 19/08/85
Data de saída: 31/07/86
Gols marcados no SPFC: 1
Nascimento: 16/10/53 em Chapecó-SC
Títulos conquistados no SPFC: Campeão Paulista de 85
Outros clubes em que atuou: Internacional-RS e Roma (antes do SPFC)

Foi craque diferenciado, top de linha. Jogou no São Paulo em fim da carreira, mas com tempo de ajudar o time a conquistar o título paulista de 85. Participou efetivamente da Seleção Brasileira de 82, tida como uma das melhores formadas até hoje, mesmo não ganhando o título mundial. Atuou no Roma (onde era chamado de Rei) levando-o ao título nacional depois de 42 anos. Iniciou a carreira no Inter-RS, que, com ele, foi campeão da Taça São Paulo de Juniores e bicampeão brasileiro, em 76 e 79.



Nome: Antônio Carlos Cerezo
Apelido: Toninho Cerezo
Jogos disputados pelo SPFC: 59
Datas das duas entradas no clube: 08/09/92 e 28/05/95
Datas das saídas: 31/12/93 e 03/01/96
Gols marcados no SPFC: 6
Nascimento: 21/04/55 em Belo Horizonte-MG
Títulos conquistados no SPFC: Campeão Paulista de 92, Bimundial (92/93), Libertadores (93), Recopa (93) e Supercopa (93)
Outros clubes em que atuou: Atlético-MG, Roma, Sampdoria (antes do SPFC), Paulista-SP, Cruzeiro-MG e Atlético-MG

A exemplo de Falcão e tantos outros craques veteranos (Sastre, Zizinho, Gérson, etc.), Cerezo também veio para o SPFC em fim de carreira. Já passava dos 36 anos. A velha política do São Paulo de contratar craques excedentes deu certo mais uma vez. Cerezo ajudou — e como! — o time a ganhar os Mundiais de 92/93, além de outros títulos.

s invencíveis" dos anos 40; Zezé Procópio, campeão paulista de 43; Sarará, reserva de Dino Sani dos anos paulista de 71 e 75 e brasileiro de 77; Márcio Araújo, campeão paulista de 85; Pintado, campeão paulista de 86, em 93, da Libertadores, Supercopa, Recopa e mundial.

Escalando o São Paulo de 1 a 11

Escale e perceba: hoje o lateral-esquerdo vem antes do volante.

*Mas antes, nos anos 40 e 50, a ordem era outra, volante antes, lateral-esquerdo depois.
Veja por que e como mudou para a ordem atual.*

Antigamente, escalava-se um time com um goleiro, dois beques, três alfos e cinco atacantes. A numeração das camisas de cada um era seguida, de 1 a 11. Uma das formações do Esquadrão de Aço do São Paulo, na década de 40, era assim: Gijo (1); Piolin (2) e Renganeschi (3); Rui (4), Bauer (5) e Noronha (6); Luizinho (7), Sastre (8), Leônidas (9), Remo (10) e Pardal (11).

Os times dos anos 50 também obedeciam à ordem numérica correta. Lembra-se do quadro campeão paulista de 57? Poy (1), De Sordi (2) e Mauro (3); Dino (4), Vitor (5) e Riberto (6); Maurinho (7), Amauri (8), Gino (9), Zizinho (10) e Canhoteiro (11). Com o passar dos anos, os es-

quemáticos foram se modernizando, em decorrência dos avanços científicos da preparação física e também da própria evolução da inteligência humana.

no ataque.

Dos anos 60 para cá seja na formação 4-2-4, 4-3-3 ou 4-4-2, não se escala mais um time de 1 a 11 na sequência. Em 1970/71 já era assim: Sérgio (1); Forlan (2), Jurandir (3), Dias (4) e Gilberto (6); Édson (5) e Gérson (10); Terto (7), Pedro Rocha (8), Toninho Guerreiro (9) e Paraná (11).

1985: Gilmar (1); Zé Teodoro (2), Oscar (3), Dario Pereyra (4) e Nelsinho (6); Falcão (5), Silas (8) e Pita (10); Muller (7), Careca (9) e Sidney (11).

O time do São Paulo de hoje seria assim, se os números fossem somente de 1 a 11: Rogério (1), Cláudio (2), Rogério Pinheiro (3), Bordon (4) e Serginho (6); Axel (5), Luiz Carlos (8), Belletti (10) e Denílson (11); Aristzábal (7) e Dodô (9).

**Antes escalava-se assim:
1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11**

**Hoje escala-se assim:
1, 2, 3, 4, 6, 5, 8, 10, 11, 7 e 9**

Em vez de dois beques mais fixos, o desenvolvimento do futebol foi solicitando quatro, como também foi sugerindo mudanças no meio do campo e

Nomes de posição, números de camisa, funções táticas... Tudo muda, algumas coisas mais, outras menos. No SPFC, as funções do número 6 foram das que menos mudaram; e as de número 5, das que mais mudaram.

Os maiores

Os conselheiros escolheram os maiores jogadores do São Paulo em todos os tempos, desde a fundação do clube. Os seis mais votados entre meias-avancados e meias-armadores estão sendo destacados nas páginas seguintes. Estamos publicando duas posições por edição. Na anterior, foram os laterais-esquerdos e os volantes.

As meias de armação e avançada, esta também chamada de ponta-de-lança, são as posições mais nobres do futebol. Em teoria, só aceitam craques. Na prática, nem sempre isso acontece, porque esse tipo de jogador não está disponível a qualquer momento ou para qualquer time.

Um meia-armador reconhecido como tal sabe somar a velocidade da bola que vai lançar com a velocidade do atacante que está começando a correr, nem que ela esteja a mais de 40 metros dele; sabe se deslocar o tempo todo e chamar o jogo para si; sabe dar de trivela; sabe ver antes um espaço vazio na defesa adversária; sabe bater faltas, com ou sem barreira; sabe mandar... Enfim, "sabe tudo", como se diz na gíria do futebol.

Já um meia-avancado, para ser con-

siderado craque, precisa saber aproximar-se do centro-avante e dos pontas e, com toques diferenciados, colocá-los na frente do gol; precisa saber se colocar, driblar, tocar de primeira, segurar a bola

era armador ou ponta-de-lança?", "Raí era o quê?"

Tivemos meias-armadores goleadores, como Remo, e meias-avancados dados mais a assistências, casos de Silas e Juninho. Pelos nomes você já percebeu: cada craque, hein! E cada assistência, hein!

A classificação dos jogadores nas páginas seguintes como meia-avancado ou meia-armador foi pelo voto. Zinho recebeu mais indicações como meia-avancado e a esses votos foram somados aos que recebeu como armador. Mas ficou na página do meia-avancado.

O certo é que 8 e a 10 são, enfim, camisas que não gostam de vestir pernas-de-pau. As do São Paulo, então, nem se fala. Quem pode acreditar que jogador de US\$ 20 milhões não esteja entre os seis maiores da sua posição?

de todos

no ataque; precisa saber cabecear, chutar, de preferência com os dois pés... enfim precisa saber fazer e dar "gol feito" aos companheiros. Na pesquisa com os conselheiros sobre os maiores meias da história do São Paulo, o excessivo número de craques de certo modo atrapalhou a didática. Meia-armador não avança? Meia-avancado não arma? Como craque avança, faz gol, arma, defende, etc., também cabem perguntas como "Pedro Rocha

os tempos

A ordem, nas páginas, dos seis mais votados obedece ao critério da antigüidade



Nome: Antônio Sastre
Apelido: Sastre
Jogos disputados pelo SPFC: 129
Data de entrada no clube: 1º/04/43
Data de saída: 18/12/46
Gols marcados no SPFC: 58
Nascimento: 27/04/11, em Buenos Aires
Falecimento: 23/11/87
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 43/45/46
Outros clubes em que atuou: Independiente de Buenos Aires

Sastre é um dos Grandes da história do SPFC, onde chegou já perto dos 33 anos. Antes de brilhar no nosso time, ele brilhou no Independiente, do qual também é um dos Grandes. Sua liderança foi fundamental na fase em que o São Paulo realmente se transformou em time grande, ganhando os campeonatos paulistas de 43, 45 e 46. Além do mais, é nosso recordista de gols num jogo só: fez seis na goleada de 9 a 0 na Portuguesa Santista em 1943. E dizer que quando o SPFC o contratou zombavam que Sastre seria um desastre...



Nome: Gustavo Albella
Apelido: Albella
Jogos disputados pelo SPFC: 81
Data de entrada no clube: 1º/06/52
Data de saída: 11/02/54
Gols marcados no SPFC: 47
Nascimento: 22/08/25, em Alta Gracia, Argentina
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 53
Outros clubes em que atuou: Banfield (antes do SPFC)

O argentino Albella veio de contra-peso na contratação de seu compatriota Moreno, em 52. Mas foi quem deu certo. Mais: veio como centroavante e consagrou-se como meia, formando dupla com Gino no time campeão paulista de 53. Ganhou o apelido de "El Atômico" porque fazia jogadas inesperadas. Dava a impressão que ia cair, mas, como se tivesse molas, reerguia-se e fazia a torcida vibrar. Seu corpo espigado, grande, amedrontava os adversários.



Nome: Thomas Soares da Silva
Apelido: Zizinho
Jogos disputados pelo SPFC: 60
Data de entrada no clube: 08/11/57
Data de saída: 20/02/59
Gols marcados no SPFC: 24
Nascimento: 14/09/21, em Niterói, RJ
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 57
Outros clubes em que atuou: Flamengo e Bangu (antes do SPFC)

Mestre Ziza foi quase um Pelé dos anos 40/50. Jogava muito, dava shows. Foi o melhor jogador da Seleção Brasileira no Sul-Americano de 49 e na Copa do Mundo de 50. Fazia gols, lançava, driblava, comandava o time e vivia sempre sorrindo, como, aliás, até hoje. Jogou pouco mais de um ano no Tricolor, mas o suficiente para entrar na história como o grande comandante do time campeão paulista de 1957. Um time que entrou desacreditado no campeonato, mas que se superou com o técnico Bella Guttmann no banco e Mestre Ziza no campo.

Também foram votados pelos conselheiros: Waldemar de Brito, que entre outros méritos, foi artilheiro do Campeonato Brasileiro de 40, que não tinha vagas, o Esquadrão de Aço de meados dos 40, e foi se consagrar no futebol francês; Leopoldo, que foi artilheiro do campeonato paulista de 56; Amauri, meia-direita campeão paulista de 57; Muricy, campeão paulista de 58.

ANÇADO

idade. Na edição 87 (janeiro/fevereiro 98) divulgaremos os votos de cada um.



Nome: Benedito Leopoldo da Silva
Apelido: Benê
Jogos disputados pelo SPFC: 225
Data de entrada no clube: 18/01/61
Data de saída: 09/10/70
Gols marcados no SPFC: 74
Nascimento: 28/02/35, em São Paulo
Títulos conquistados no SPFC: II Pequena Taça do Mundo da Venezuela em 63 e Campeonato Paulista de 70
Outros clubes em que atuou: Guarani e Paulista de Jundiaí (antes do SPFC)

Benê jogou na fase da construção do Morumbi. Seu futebol era espetacular, de um vigor inacreditável. Ele passava pelas defesas adversárias usando dois recursos: técnica apurada e força física irresistível. Foi super-injustiçado na Seleção Brasileira de 62: arrumaram-lhe um "sopro" no coração e o dispensaram antes da Copa. Pois os médicos do SPFC e de São Paulo nunca encontraram o tal sopro. Em 70, já no fim de carreira, reserva, entrou no final da partida em que o SPFC ganhou do Guarani e conquistou o título de campeão paulista, depois de 13 anos.



Nome: Paulo Silas de Prado Pereira
Apelido: Silas
Jogos disputados pelo SPFC: 98
Data de entrada no clube: 15/06/85
Data de saída: 03/05/88
Gols marcados no SPFC: 20
Nascimento: 27/08/65, em Campinas (SP)
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 85 e 87 e campeão brasileiro de 86
Outros clubes em que atuou: Benfica, Inter-RS e San Lorenzo de Almagro (todos depois do SPFC)

Jogador revelado nas Divisões Menores, apareceu no time principal em 85, quando o técnico Cilinho deu chances a vários garotos e montou o quadro conhecido como "Menudos de Cilinho". Silas formou o trio dos Menudos mais famosos, ao lado de Müller, hoje no Santos, e do ponta-esquerda Sidney. Silas atuou na Seleção nas Copas de 86 e 90. Seu futebol sóbrio, de poucos erros e muita inteligência nos passes, é praticado hoje no San Lorenzo de Almagro, Argentina.



Nome: Raí Vieira de Oliveira
Apelido: Raí
Jogos disputados pelo SPFC: 296
Data de entrada no clube: 15/09/87
Data de saída: 08/07/93
Gols marcados no SPFC: 111
Nascimento: 15/05/65, em Ribeirão Preto (SP)
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 89, 91 e 92, brasileiro de 91, da Libertadores de 92 e 93, Mundial Interclubes de 92.
Outros clubes em que atuou: Botafogo, Ponte Preta, por empréstimo (antes do SPFC) e Paris Saint Germain

Veio do Botafogo de Ribeirão Preto em 87 e demorou um pouco para brilhar. Tinha o estigma de jogador lento. Caiu com o time para a 2ª Divisão paulista (Série B) em 90 - e a partir daí subiu como um rojão, como o próprio São Paulo. Tornou-se o capitão e virou uma espécie de símbolo do time que ganhou quase tudo em 91, 92 e 93. Seu futebol dá a impressão de lento, mas é super-eficaz, além de elegante. Raí joga há quase quatro anos na França.

nato Paulista de 1933; Lola, alfo-direito do início dos anos 40; Yeso, craque que precisava de uma vaga num time m dos baluartes do aspirante pentacampeão paulista de 43/47; Ponce de Leon, bicampeão paulista em 48/49; Zezinho, de 75; Renato, bicampeão paulista em 80/81; e Denílson, hoje uma promessa já consagrada do futebol brasileiro.

A ordem, nas páginas, dos seis mais votados obedece ao critério da antigüidade



Nome: Remo Januzzi
Apelido: Remo
Jogos disputados pelo SPFC: 357
Data de entrada no clube: 1º/02/40
Data de saída: 31/12/51
Gols marcados no SPFC: 105
Nascimento: 14/01/17, em Rio Branco (MG)
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 43, 45, 46, 48 e 49
Outros clubes em que atuou: Santos (antes do SPFC)

Remo veio do Santos e foi nosso meia-esquerda com mais títulos de campeão paulista: cinco, todos os da década de 40. Era pequeno, valente e rompedor, como Juninho, meia-direita que atuou no São Paulo de 93 a 95. Ou seja: pegava a bola e ia driblando, tabelando, avançando, rompendo. Parecia ter na perna esquerda um ímã que atraía a bola, dizem os mais velhos. E tinha uma vantagem sobre Juninho: além das assistências, também era de fazer gols.



Nome: Gonçalo Gonçalves
Apelido: Gonçalo
Jogos disputados pelo SPFC: 94
Data de entrada no clube: 08/03/60
Data de saída: 08/05/64
Gols marcados no SPFC: 16
Nascimento: 08/04/35, em São Vicente (SP)
Títulos conquistados no SPFC: 0
Outros clubes em que atuou: Portuguesa Santista (antes do SPFC) e Santos

Jogou no início dos anos 60, vindo da Portuguesa Santista. Tinha uma categoria incrível. Fazia o que queria com a bola. Escondia-a, tal qual um mágico. Fazia lançamentos perfeitos, independentemente da distância. Tinha visão de jogo muito ampla. Era também um jogador genioso, que não pensava duas vezes para revidar. Não foi campeão pelo SPFC, o que aumenta o seu mérito de estar nesta lista. Teve seu passe vendido ao então rico Santos em 64. O técnico do Santos sonhava com três do SPFC daquela época: Gonçalo, Dias e Benê. Conseguiu um.



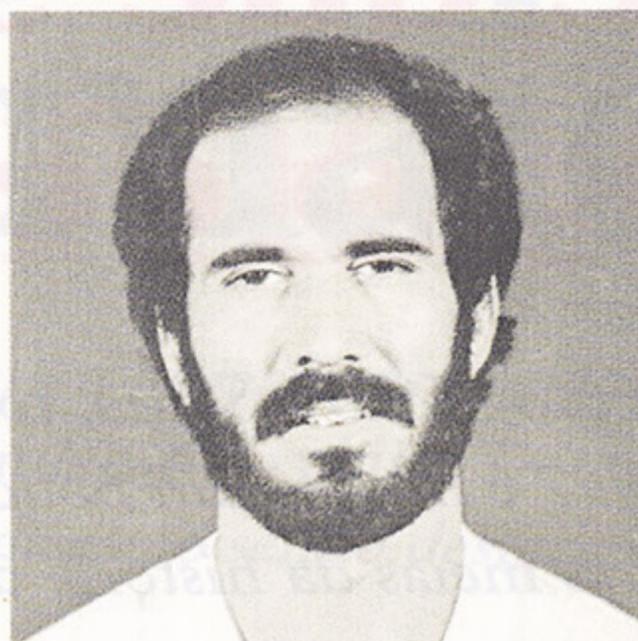
Nome: Gérson de Oliveira Nunes
Apelido: Gérson
Jogos disputados pelo SPFC: 75
Data de entrada no clube: 24/06/69
Data de saída: 08/05/72
Gols marcados no SPFC: 12
Nascimento: 11/01/41, em Niterói (RJ)
Títulos conquistados no SPFC: bicampeão paulista 70/71
Outros clubes em que atuou: Flamengo, Botafogo (antes do SPFC) e Fluminense

É ídolo não só do São Paulo, mas do próprio futebol brasileiro. Jogou na Seleção de 70, considerada a mais perfeita de todas as campeãs do mundo. Ajudou o São Paulo a conquistar os títulos paulistas de 1970/71, marcantes porque o primeiro veio depois de 13 anos de jejum. Era o capitão daquele time dirigido por Zezé Moreira, o jogador que, dentro de campo, mostrava o caminho aos outros. Por causa dos lançamentos milimétricos que fazia a mais de 40 metros, seu apelido era Canhotinha de Ouro – apelido que conserva, como comentarista da TV Bandeirantes.

Também foram votados: Araken, campeão paulista de 31; Armandinho, também campeão paulista de 31, e Ministrinho, que atuou na década de 30; Tim, cujo apelido era El Peón, por sua enorme felicidade de "rodar" com a bola de 58/62 e que jogou no São Paulo em 66, no final de sua carreira; Neto, que atuou em 87 emprestado pelo Guarani;

ARMADOR

ade. Na edição 87 (janeiro/fevereiro 98) divulgaremos os votos de cada um.



Nome: Pedro Virgílio Rocha Franchetti
Apelido: Pedro Rocha
Jogos disputados pelo SPFC: 375
Data de entrada no clube: 21/09/70
Data de saída: 24/09/79
Gols marcados no SPFC: 113
Nascimento: 03/12/42 em Salto, Ur.
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 71 e 75 e brasileiro de 77
Outros clubes em que atuou: Peñarol (antes do SPFC), Coritiba e Palmeiras

Nome: Mário Sérgio Pontes de Paiva
Apelido: Mário Sérgio
Jogos disputados pelo SPFC: 62
Data de entrada no clube: 07/08/81
Data de saída: 17/01/83
Gols marcados no SPFC: 8
Nascimento: 07/09/50 no Rio de Janeiro
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 81
Outros clubes em que atuou: Fluminense, Vitória (antes do SPFC), Grêmio, Ponte Preta

Nome: Edivaldo Oliveira Chaves
Apelido: Pita
Jogos disputados pelo SPFC: 240
Data de entrada no clube: 18/06/84
Data de saída: 1º/07/88
Gols marcados no SPFC: 46
Nascimento: 04/08/58 em Nilópolis (RJ)
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 85 e 87 e brasileiro de 86
Outros clubes em que atuou: Santos (antes do SPFC) e Estrasburgo da França

O Verdugo era seu apelido, porque "mataba" os adversários com sua categoria, seu chute fortíssimo, suas cabeçadas arrasadoras, sua visão de jogo. Uruguaio, veio do Peñarol com um currículo invejável, com títulos como campeão da Libertadores e do Mundo. Chegou em 71, com 28 anos, e brilhou com a camisa tricolor até aos 34. Pelé não escondia a sua admiração por Pedro Rocha, dizendo que ele era, na sua opinião, um dos cinco maiores jogadores do mundo. Rocha é técnico de futebol e trabalha atualmente no Japão.

Um craque que o São Paulo foi buscar para substituir Zé Sérgio, que se havia machucado, para ganhar o bicampeonato de 1981. Mário Sérgio fazia de tudo com a sua esquerda: driblava, lançava, desarmava e, de vez em quando, batia no adversário, já que era um jogador esquentado, desses de sangue quente nas veias. Mário Sérgio levantava a torcida com um lance que fazia sempre: olhava para um lado e lançava a bola para o outro. Hoje é comentarista de futebol.

Foi contratado junto ao Santos em 84, já com boa experiência, para dar equilíbrio ao time jovem então apelidado de Menudos. E deu mesmo. O time ficou bom demais, ganhando os paulistas de 85 e 87 e o brasileiro de 86. Era rapidíssimo, dava dribles em pequenos espaços do campo e lançava com apurada técnica. Foi o grande assistente de Careca e Müller, naquela época. Seu brilho o levou para o futebol francês em 88.

que fez 3 gols no Palmeiras duas vezes, uma nos 4 a 0 do campeonato paulista de 31 e outra nos 6 a 0 de 38; bola, e que teve rápida passagem pelo SPFC em 44; Negri, campeão paulista de 53; Didi, o meia bicampeão do mundozinho, craque do Atlético de Madrid, hoje; e Sierra, que foi bem votado mesmo não se tendo adaptado no SPFC.

Mestre Ziza, um craque que só não driblou o destino.

Este texto, de Cláudio Mello e Souza, foi publicado no O Globo do dia 13/07/97 e mostra um pouco mais da carreira de um dos maiores meias da história do São Paulo.

Aquele pretinho miudinho, filho de "seu" Thomaz, só podia ser mesmo Thomazinho, por apelido Zizinho, que tinha nos pés pequeninhos o poder de tornar o futebol um futebolão, que não temia grandão nem valentão porque jogar bola é coisa de quem leva jeito ou é arte de quem é gênio. Zizinho, Ziza para os íntimos e mestre Ziza para todo mundo, foi um desses raros gênios que o futebol gerou, com as bênçãos de Deus, mas sem as simpatias do destino. Entrando pela grande área, era um demônio nas finalizações; mais atrás, era divino na concepção das jogadas. Os seus dribles desconcertavam e, amiúde, transformavam os seus marcadores, dos quais se defendia com bravura, às vezes com malícia e igual violência. Não levava para casa nem desaforos nem pontapés. Eu, botafoguense que sofria com ele, idolatrava-o. Mesmo irritado com os seus gols ou com as suas jogadas de gols, admirava a beleza da feitura e a finura de sua imaginação. Estava em boa

companhia, pois que nos anos 50, quem nele se inspirou, por também idolatrá-lo, foi um menino chamado Pelé.

Mas aí entra o destino. A imagem mais forte que me ficou de Zizinho, e que dói tanto quanto antes, é de 1950, depois da derrota final: ele tentava conter com as mãos as lágrimas de raiva e tristeza, sendo consolado pelo goleiro uruguaio Máspoli, também seu amigo, também seu admirador. Mas quem sabe ele não iria à forra na Copa de 54?

O destino disse não. Em 1953, titular absoluto da seleção que disputou o sul-americano, Zizinho fez, em nome dos seus companheiros, uma justa reivindicação de dinheiro. O escritor Zé Lins do Rego, chefe da delegação, concordou com tudo, mas enviou um relatório, acusando Zizinho de mercenário e propondo que ele nunca mais fosse convocado.

Didi, titular em 54, viu o time confundir-se em campo até ser derrotado e eliminado pela seleção

húngara por 4 a 2. Até hoje, ele costuma dizer: "Se tivessem convocado Zizinho, ele mudaria a história".

Em 58, disseram que ele estava velho, apesar de ter dado o campeonato ao São Paulo, interrompendo a série de títulos do Santos de Pelé. O destino privou-o, assim, de formar um dos maiores times de todos os tempos e de desferrar-se de vez de 1950.

Pessoalmente, Zizinho é uma das pessoas mais doces, risonhas e pitorescas que eu conheço. Mas, de vez em quando, tem perfeita noção de que o destino jamais lhe sorriu. Meu amigo Fernando Horácio me contou esta pequena história.

Encerrado o jogo final da Copa de 70, no México, Zizinho e Ademir, conversando, lembraram quantos jogadores reservas, de pouco talento, tinham participado da conquista do título. Zizinho comentou: "E pensar que eles são campeões do mundo e nós não fomos".

É Ziza, o destino foi o único marcador que você não conseguiu driblar.

Os maiores

Os conselheiros escolheram os maiores jogadores do São Paulo em todos os tempos, desde a fundação do clube. Os seis mais votados entre os pontas direita e esquerda estão sendo destacados nas páginas seguintes.

Ao longo da história, a função dos pontas foi a que mais mudou no Brasil. No começo do futebol (até mais ou menos 1930) eles eram os atacantes que usavam as laterais do campo. Não lhes era recomendado recuar nem entrar pelo meio.

Defender era para defensores e armar era para armadores, diziam os técnicos então adeptos ao esquema 2-3-5.

Com o WM (3-2-2-3) dos anos 30 e 40, os pontas passaram a dispor de espaço um pouco mais largo, já que os meias agora voltavam para armar. Nesta época era mais comum ver um ponta entrando em diagonal pelo meio, mas a missão de levar a bola até a linha de fundo e cruzar continuava de longe sendo a principal.

O 4-2-4 de Bella Gutman, a partir de 1957, estreitou novamente a área do ponta, pois o técnico húngaro do SPFC considerava que o ataque

deveria ser mais povoado. O quadrado avançado do São Paulo de 57 era Maurinho, Amauri, Gino e Canhoteiro, com Zizinho ficando mais atrás. Em 58, a Seleção Brasileira utilizou esse quadrado avançado, composto por Garrincha, Vavá, Pelé e

criação do time, compactou essa tendência. Hoje em dia, poucos times jogam com ponta só ponta, baixinho, rápido, driblador, que não recua para marcar. Os técnicos pregam que todos os meio-campistas e também os laterais têm a obrigação, desde que

encontrem espaço, de executar a função do ponta de antigamente.

O 7 e o 11, assim, não são mais os únicos especialistas das laterais avançadas do

campo. Passaram a ser jogadores mais ecléticos, como o atualíssimo Denílson, que é ponta, meia e zagueiro. Ou Aristzábal, artilheiro e assistente, cujo raciocínio corre a mil quilômetros por hora.

Mas se aparecer um driblador rápido, baixinho e eficiente, podem ter certeza que ele joga - craque é craque, independentemente de época e de esquema tático. Aplausos então para os que estão citados nas próximas páginas.

de todos

Zagalo, mas com uma opção a mais: o recuo de Zagalo para ajudar no meio do campo. Nascia o 4-3-3 e com ele começava uma verdadeira revolução na função dos camisas 7 e 11 - que a partir de então podiam ser lentos, como o próprio Zagalo. Antes, quase toda ponta, direita ou esquerda, era driblador, rápido e, por consequência, pequeno.

A evolução do esquema tático para o 4-4-2, esquema do qual Telê Santana foi um usuário, por povoar o setor de

os tempos

A ordem, nas páginas, dos seis mais votados obedece ao critério da antiguidade



Nome: Luiz Mesquita de Oliveira
Apelido: Luizinho
Jogos disputados pelo SPFC: 141
Data de entrada no clube: 1º/11/41
Data de saída: 31/12/46
Gols marcados no SPFC: 96
Nascimento: 20/03/11, no Rio
Falecimento: 28/12/93
Títulos conquistados no SPFC:
campeão paulista de 31, 43, 45 e 46
Outros clubes em que atuou: C.A.
Paulistano e Palestra Itália

O seu apelido, Gerente, por si só explica sua personalidade: era um líder dentro e fora de campo. Luizinho começou sua brilhante carreira em 1929, no Paulistano, e participou da transição Paulistano-São Paulo. Ficou de 30 a 35 como amador, jogou no Palestra Itália de 36 a 40 e voltou para o Tricolor atuando, nessa segunda fase, de 40 a 46. Tinha visão de jogo exemplar e era muito rápido, tanto de raciocínio quanto com a bola nos pés. Além de fazer ótimas assistências, era também de marcar gols. Foi o artilheiro do Campeonato Paulista de 1944. Luizinho participou de duas Copas do Mundo, em 1934, como jogador do SPFC, e em 1938. Depois que pendurou as chuteiras, em 47, exerceu a função de advogado da Caixa Econômica Federal e foi conselheiro do SPFC.



Nome: Albino Friaça Cardoso
Apelido: Friaça
Jogos disputados pelo SPFC: 66
Data de entrada no clube: 1º/04/49
Data de saída: 27/03/51
Gols marcados no SPFC: 48
Nascimento: 20/10/24, em
Porciúncula (RJ)
Títulos conquistados no SPFC:
campeão paulista de 49
Outros clubes em que atuou: Vasco
da Gama (antes e depois do SPFC)

Friaça foi contratado em 1949 e logo no seu primeiro ano de São Paulo foi artilheiro do Campeonato Paulista. Era jogador de altíssimo nível, tanto que foi titular da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1950, uma das melhores de todos os tempos, mesmo não tendo sido campeão. Friaça tinha um chute muito forte, batia faltas com maestria. Era ainda emérito cruzador de bolas. Seus cruzamentos, geralmente para trás, eram muito fortes. Ele veio do Vasco, um dos dois grandes times brasileiros daquela época (o outro era o SPFC), que se arrependeu de tê-lo vendido e conseguiu comprá-lo de volta no começo de 51 - época em que o São Paulo resolveu reformular o time que havia perdido o tricampeonato paulista em 1950.



Nome: Mauro Raphael
Apelido: Maurinho
Jogos disputados pelo SPFC: 328
Data de entrada no clube: 09/01/52
Data de saída: 23/05/59
Gols marcados no SPFC: 133
Nascimento: 06/06/33, em
Araraquara (SP)
Títulos conquistados no SPFC:
campeão paulista de 53 e 57
Outros clubes em que atuou:
Guarani (antes do SPFC),
Fluminense, Boca Juniors (Arg.)

Maurinho era um daqueles jogadores que deixam a torcida sempre com uma esperança, mesmo que o tempo de jogo, no 2º tempo, já tenha passado dos 45. Ele corria como uma flecha, chegava na área num piscar de olhos e fazia muitos gols. É um dos maiores artilheiros da história do São Paulo. Maurinho jogou diversas vezes na Seleção Brasileira e foi um dos 22 da Copa do Mundo de 1954. Sua jogada mais famosa aconteceu em 57, na finalíssima contra o Corinthians: marcou o terceiro gol nos 3 a 1, perguntando antes para o goleiro adversário, Gilmar, em que canto ele queria a bola. Gilmar saiu correndo atrás de Maurinho mas quem conseguia alcançar o flecha?

DIREITAS

ade. Na edição 87 (janeiro/fevereiro 98) divulgaremos os votos de cada um.



Nome: Tertuliano Severiano Santos
Apelido: Terto
Jogos disputados pelo SPFC: 499
Data de entrada no clube: 19/01/68
Data de saída: 03/11/77
Gols marcados no SPFC: 87
Nascimento: 29/12/46, no Recife (PE)
Títulos conquistados no SPFC:
Campeão Paulista de 70, 71 e 75
Outros clubes em que atuou: Santa Cruz (antes do SPFC) e Botafogo de Ribeirão Preto.

Terto era jogador de conclusão. Consagrou-se com os lançamentos de Gérson e Pedro Rocha, dois craques com incrível visão de jogo. Terto só via a bola e o gol, mas tinha uma saúde de ferro e ninguém o pegava na corrida. Desengonçado para correr, levava a bola aos trancos e barrancos, tomando e dando braçadas, cotoveladas e pernadas. Mas colocava a bola nas redes, já que além de forte e veloz, tinha muita raça e boa potência no chute. Se era turrão, briguento e bravo dentro do campo, fora dele se transformava. Gentil, simpático, agradável, amigo – qualidades que expõe, hoje, no futebol social, ensinando a arte da bola nos pés aos pequenos sócios.



Nome: Luís Antônio Correia da Costa
Apelido: Müller
Jogos disputados pelo SPFC: 379
Data de entrada no clube: 1984
Data de saída: 31/12/96
Gols marcados no SPFC: 158
Nascimento: 31/01/66, em Campo Grande (MS)
Títulos conquistados no SPFC: Paulista de 85, 87, 91, 92, Brasileiro de 86, 91, Libertadores de 92 e 93, Mundial de 92 e 93, Supercopa da Libertadores de 93, Copa dos Clubes Brasileiros Campeões Mundiais de 96
Outros clubes em que atuou: Torino, Palmeiras e Santos

Müller foi um jogador marcante no São Paulo, com participação fundamental nos jogos que nos deram os dois títulos mundiais que conquistamos até agora. Fez uma jogada excepcional contra o Barcelona, em 92, dando um verdadeiro nó no beque espanhol antes de cruzar para Raí empatar o jogo de barriga; e fez o gol da vitória contra o Milan em 93, de costas, calcanhar, sobrecoxa, barriga da perna ou algo que o valha – e que valeu muito. Foi importante também em várias outras conquistas, graças não só a uma diferenciada velocidade, mas, principalmente, a uma inteligência incrível, dentro do campo. Atua hoje no Santos. Jogou também no Palmeiras e no Torino da Itália.

Na votação dos pontas-direitas aconteceu um fato inusitado: houve concentração em apenas cinco craques. Outros seis foram citados, mas receberam apenas um voto cada, o que os coloca em situação idêntica e impede a diferenciação. Nesse rol estão Bozzoni, Mendes (ambos da década de 30), China, campeão paulista de 1948, Cláudio Cristóvão do Pinho, que atuou muito tempo no Corinthians e encerrou a carreira no São Paulo, em fins da década de 50, Faustino, contratado da Ferroviária no início dos anos 60 e que se caracterizava pela facilidade de driblar, e Paulo César, que veio do Botafogo RP em janeiro de 80 e foi bicampeão paulista em 80/81.

A ordem, nas páginas, dos seis mais votados obedece ao critério da antiguidade



Nome: Lino Mancilla
Apelido: Pardal
Jogos disputados pelo SPFC: 114
Data de entrada no clube: 1º/01/41
Data de saída: 28/02/48
Gols marcados no SPFC: 58
Nascimento: 22/09/16, em Pelotas (RS)
Títulos conquistados no SPFC:
Paulista de 43, 45 e 46

Pardal era um jogador forte, atarracado, "parrudo", na gíria de hoje. Tinha um chute fortíssimo e por causa dele chegava a ser um ponta diferente para os padrões da época: entrava pelo meio em diagonal para chutar em gol – e fazia muitos –, numa fase em que ponta era quase só assistente, quase nunca artilheiro. De todo modo, Pardal também sabia driblar pelo lado esquerdo e cruzar da linha de fundo. Seus cruzamentos, aliás, eram fortíssimos. Meio gol para Leônidas, principalmente, naquele ataque inesquecível da primeira fase do Esquadrão de Aço, de 43 a 46: Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Pardal. "Inesquecível" até para quem não os viu jogar, mas ouviu suas histórias.



Nome: Elísio dos Santos Teixeira
Apelido: Teixeirinha
Jogos disputados pelo SPFC: 533
Data de entrada no clube: 1º/08/39
Data de saída: 03/03/56
Gols marcados no SPFC: 184
Nascimento: 04/03/22, em São Paulo
Títulos conquistados no SPFC: Paulista de 43, 45, 46, 48, 49 e 53
Outros clubes em que atuou: Portuguesa Santista (depois do SPFC)

Teixeirinha é o segundo jogador que mais atuou com a camisa do São Paulo e o terceiro maior artilheiro da história do time, atrás apenas de Serginho (242) e Gino (232). Primava pela regularidade. Nunca atuava mal, mas dificilmente era apontado como o melhor em campo. Entretanto, como a eficiência de Teixeirinha era bem acima da média, uma atuação normal dele era sempre muito valiosa para o SPFC. Uma jogada constante que fazia era superar o lateral adversário correndo junto à linha lateral e só virar para a direita a poucos metros da linha de fundo. Quase nunca armava um ataque correndo em diagonal. Nos anos 40/50, usava a "caixa" nº 1 (armário nº 1), sinal de prestígio com os companheiros.



Nome: José Ribamar de Oliveira
Apelido: Canhoto
Jogos disputados pelo SPFC: 383
Data de entrada no clube: 13/04/54
Data de saída: 19/10/63
Gols marcados no SPFC: 85
Nascimento: 24/09/32, em Coroatá (MA)
Falecimento: 16/08/74
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 57
Outros clubes em que atuou: Paissandu de São Luís, América de Fortaleza (antes do SPFC), Guadalajara e Toluca, ambos do México.

Driblava, garantem os mais velhos, no espaço de um lenço. Uma de suas jogadas características era sair com a bola junto da bandeira de escanteio, fintando o adversário mesmo estando de costas. Fazia embaixadas não apenas com a bola, mas com laranja, xícara de cafezinho e até moeda. Foi convocado para a Copa de 58 e certamente seria o titular se não tivesse sido cortado por causa da boemia, que às vezes o levava a se atrasar nas apresentações. Teria feito na esquerda o que Garrincha fez na direita. Na opinião de Zizinho, foi o maior driblador já visto no Brasil.

Os conselheiros também votaram em Junqueirinha, campeão paulista de 1931, Carioca, também da década d

SQUERDAS

ade. Na edição 87 (janeiro/fevereiro 98) divulgaremos os votos de cada um.



Nome: Ademir de Barros
Apelido: Paraná
Jogos disputados pelo SPFC: 374
Data de entrada no clube: 17/02/65
Data de saída: 10/09/73
Gols marcados no SPFC: 38
Nascimento: 21/03/42, em Cambará (PR)
Títulos conquistados no SPFC: bicampeão paulista de 70 e 71
Outros clubes em que atuou: São Bento de Sorocaba

Paraná era o tipo de jogador adorado pela torcida. Além de jogar bem, vivia fazendo cara feia para os adversários e ai daqueles que resolviam enfrentá-lo... Embora canhoto, sua perna direita também funcionava bem. Não era de marcar muitos gols, mas fez alguns dando cortes por dentro da esquerda, levando a bola para o meio e chutando de pé direito, de longe. Raçudo, voltava para ajudar a defesa e não se furtava do mesmo modo a exercer funções de armador. Participou do Mundial de 66 na Inglaterra, pela Seleção Brasileira, tendo sido, por causa de sua garra, um dos poucos que não decepcionou. Fora do campo Paraná era muito alegre.



Nome: José Sérgio Presti
Apelido: Zé Sérgio
Jogos disputados pelo SPFC: 348
Data de entrada no clube: 1º/03/77
Data de saída: 15/06/84
Gols marcados no SPFC: 51
Nascimento: 08/03/57, em São Paulo
Títulos conquistados no SPFC: bicampeão paulista 80/81
Outros clubes em que atuou: Santos e Kashima do Japão (depois do SPFC)

Zé Sérgio foi uma das maiores revelações do futebol brasileiro de 79/80. Tinha muita facilidade para driblar e era bom nos cruzamentos. Somente não se consagrou como um dos maiores pontas-esquerdas do futebol brasileiro por causa de sua dificuldade para sair da jogada depois do drible. Sua arrancada era lenta e, diante disso, sofria faltas em quase todos os lances. De qualquer modo, teve boa presença também em seleções brasileiras. Ganhou a Bola de Ouro da revista *Placar* como o melhor jogador do País em 1980. Foi campeão paulista também pelo Santos, em 84. Zé Sérgio encerrou a carreira no futebol japonês.



Nome: Edivaldo Martins da Fonseca
Apelido: Edivaldo
Jogos disputados pelo SPFC: 122
Data de entrada no clube: 21/04/87
Data de saída: 31/06/89
Gols marcados no SPFC: 26
Nascimento: 13/04/62, em Volta Redonda (RJ)
Títulos conquistados no SPFC: Paulista de 87 e 89
Outros clubes em que atuou: Atlético-MG, (antes do SPFC) e Puebla do México

Edivaldo era um jogador perigosíssimo por causa do chute forte e certo, de qualquer distância. Seus cruzamentos, pelo mesmo motivo, eram mortais. Tinha, além de tudo, a visão de jogo de um meia-armador, posição na qual também sabia jogar. Era bom de lançamento e de toque de bola. Foi convocado diversas vezes para a Seleção Brasileira. Outra peculiaridade marcante de Edivaldo era seu bom humor. Vivia fazendo brincadeiras e alegrando o ambiente. Ainda jovem, com 31 anos, morreu num desastre de automóvel.

0, e Sidney, revelado em 1984 juntamente com Müller e Silas, mas que não foi muito longe, embora craque.

Camisa 11, mística; camisa 7, goleadora.

Num clube forte e glorioso como o São Paulo, toda posição tem uma história. As pontas também. A história da camisa 7 do São Paulo é muito fértil em gols monumentais e a da 11 tem a ver com mágica, com mística, pois foi usada por jogadores como Canhoteiro, o homem que conseguia controlar até moeda, para não dizer xícara, pires, etc, por Sidney, um craque que pintou grande, "grandíssimo", mas que, por falta de disciplina, não deu em nada, e por Denílson, protagonista da maior transação da história do futebol brasileiro, por cifras que muitos não acreditam até hoje. Dizem até que Pelé jogou com a camisa 11 do São Paulo. Mostram até foto – mas ela é de Sabino,

fisionomicamente parecidíssimo com Pelé. De todo modo, Sabino teve seu dia de Pelé: foi o melhor em campo no jogo, dia 15/08/63, em que o São Paulo fez o grande Santos, então bicampeão mundial interclubes, correr de campo para não tomar mais do que os 4 a 1 que já estava tomando.

A história da camisa 7 é de gols. Não é preciso voltar longe no tempo para lembrar o gol de Muller contra o Milan, na final do Mundial Interclubes 93. Gol de rebatida de calcanhar, gol monumental – como também o primeiro da história do Morumbi, dia 02/10/60, assinalado pelo camisa 7 Peixinho. Nessa ocasião, o Cícero Pompeu de Toledo foi

inaugurado parcialmente, o que não quer dizer que a camisa 7 não tenha "batizado" o estádio quando ele ficou pronto em sua totalidade. Batizou sim. O primeiro gol do Morumbi inteiro, completo, dia 25/01/70 foi marcado por Miruca, o pontadireita, o 7. Mais ainda: sabem quem fez o gol do título brasileiro de 91, no 1 a 0 contra o Bragantino? Foi Mário Tilico, o 7, mesmo número da camisa usada por Maurinho na final do Campeonato Paulista de 57, aquela em que ele fez o gol da vitória, aniquilando o Corinthians por 3 a 1. Mesma camisa usada por Muller ao marcar o gol da vitória por 2 a 1 sobre a Portuguesa, que deu ao São Paulo o título de campeão paulista de 85.

Os maiores

Os conselheiros escolheram os maiores jogadores do São Paulo em todos os tempos, desde a fundação do clube. Os seis mais votados entre os centroavantes estão sendo destacados nas páginas 20 e 21. Com eles, completamos as 11 posições. Nas páginas 22 e 23, consolidamos dados da pesquisa e acrescentamos informações sobre os técnicos que mais venceram no SPFC.

A posição de centroavante é a mais nobre do futebol. É a responsável pelos gols, a alegria, a essência, a base do futebol. O centroavante, originariamente center-forward (centrefô no popular), é o jogador encarregado de fazer gols. Como quem faz gol faz

história, são incontáveis os grandes ídolos dessa posição. Friedenreich, Leônidas, Vavá, Tostão, Johann Cruyff, Paolo Rossi, Careca...

Todos camisa 9, uma camisa também superligada ao gol, mas que de uns tempos para cá já não é usada exclusivamente por centroavantes. O artilheiro, o goleador, o encarregado dos gols de hoje em dia pode ser o 7, o 10, o 11 ou outro qualquer, porque vivemos a época do futebol moderno, onde todos atacam, todos armam e todos defendem.

Quem, aliás, iniciou o divórcio entre o

artilheiro e a camisa 9 foi o jogador que mais marcou gols na história do futebol: Pelé. Outro goleador brasileiro que por alguma razão não se associou com a camisa 9 foi Romário. Ele é 11, como no São Paulo Dodô é 10. Isso não quer dizer, entretanto, que a

jogam na frente, parados, esperando a bola para concluir; e os segundos, os que voltam para buscar o jogo e partir com a bola dominada, tocando, driblando, tabelando e, por fim, marcando.

Romário é um exemplo de centroavante que fica lá na frente, parado. Faz o time inteiro jogar para ele, como aconteceu com a Seleção Brasileira na Copa de 94.

Mas funciona, é eficiente, é ídolo, como foi o argentino Bóvio (jogou no São Paulo em 1950), que mal sabia controlar a bola, mas lá na frente era infernal. A bola sempre o procurava e ele sabia mandá-la às redes.

O centroavante craque é mais ligado ao futebol-arte. Leônidas era um exemplo; Pelé outro, porque quem inventa jogadas como a bicicleta e quem faz mais de mil gols só pode ser centroavante.

de todos

mística da camisa 9 desapareceu. Ela ainda existe e, embora não mais unânime, está forte e firme. Os fãs de Ronaldinho que o digam.

De Ronaldinho a Friedenreich ou Leônidas, o mundo do futebol divide os centroavantes em dois tipos, de acordo com as características: o centroavante-rompedor e o centroavante-craque. A maioria tem um pouco de um e um pouco do outro, mas os primeiros, típicos, são os que

os tempos

A ordem, nas páginas, dos seis mais votados obedece ao critério da antiguidade



Nome: Artur Friedenreich
Apelido: Fried
Jogos disputados pelo SPFC: não há registro
Data de entrada no clube: 1930
Data de saída: 1934
Gols marcados no SPFC: 63
Nascimento: 1892, em São Paulo
Falecimento: 06/09/69
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 31
Outros clubes em que atuou: Mackenzie, Ypiranga, C.A. Paulistano (antes do SPFC) e Fluminense

Friedenreich foi o Pelé dos anos 20. Em 1930, com a extinção do futebol do Paulistano, passou para o São Paulo, dando importante contribuição para a conquista do título paulista de 1931, mesmo com 39 anos de idade. Atuou também diversas vezes na Seleção Brasileira, tendo sido campeão sul-americano de 1919 e artilheiro do campeonato. Marcou 1.329 gols nos seus 26 anos de futebol. Foi nove vezes artilheiro do Campeonato Paulista. Moreno de olhos verdes e cabelo carapinha (filho de alemão com mulata), sua agilidade era tanta que os argentinos, reis do futebol naquela época, o apelidaram de El Tigre.



Nome: Leônidas da Silva
Apelido: Leônidas
Jogos disputados pelo SPFC: 211
Data de entrada no clube: 1º/04/42
Data de saída: 30/10/51
Gols marcados no SPFC: 140
Nascimento: 06/09/13, no Rio de Janeiro
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 43, 45, 46, 48 e 49
Outros clubes em que atuou: Bonsucesso, Vasco, Botafogo e Flamengo (antes do SPFC)

Era considerado quase unanimemente o melhor jogador do mundo dos anos 30 e 40. O São Paulo o comprou, do Flamengo, na transação mais cara da história do futebol sul-americano até então. Por ter passado um período em baixa, naquela época, corinthianos e palmeirenses falavam que o São Paulo havia comprado um bonde por 200 contos. Sua contratação, entretanto, pode ser considerada o marco da consolidação do SPFC como time grande. Com Leônidas como estrela maior, o time ganhou cinco campeonatos paulistas em sete anos. Era tão bom que se credita a ele a invenção da bicicleta. Tinha apelidos auto-explicativos, como Homem de Borracha e Diamante Negro. Disputou pelo Brasil as Copas do Mundo de 34 e 38. Foi o artilheiro desta última, com oito gols.



Nome: Gino Orlando
Apelido: Gino
Jogos disputados pelo SPFC: 450
Data de entrada no clube: 1º/03/53
Data de saída: 06/04/63
Gols marcados no SPFC: 232
Nascimento: 03/09/29, em São Paulo
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 53 e 57
Outros clubes em que atuou: Palmeiras, XV de Jaú e Comercial-SP (antes do SPFC)

Gino era daqueles centroavantes que nos anos 50/60 eram chamados de "tanque". Ficavam na frente à espera de um bom passe, um bom cruzamento ou uma boa bobeada da defesa inimiga para mandar a bola às redes, sem piedade. Não era técnico, mas brigador, voluntarioso, forte, amedrontador até. Crescia muito quando percebia que o beque adversário não era de entrar em bolas divididas. Destacava-se ainda por ser um cabeceador emérito. "Também, com Maurinho numa ponta e Canhoteiro na outra...", diz ele, hoje administrador do estádio do Morumbi; função que ocupa desde 1969. Gino atuou em diversas seleções brasileiras e lamenta ter sido cortado da Copa de 58 às vésperas da viagem. Foi dele o primeiro gol de bicicleta feito em Portugal, pela Seleção Brasileira, em 1957.

Os conselheiros votaram também em Pagão, craque que veio do Santos nos anos 60 e foi fundamental num jogo em que o Santos, e que em meados dos anos 70 estava queimado no Corinthians e se recuperou no São Paulo, tendo sido campeão paulista em 75 e cujo clube era o Morumbi; e Babá, centroavante artilheiro que veio do Guarani na segunda metade dos anos 60 e foi titular até a

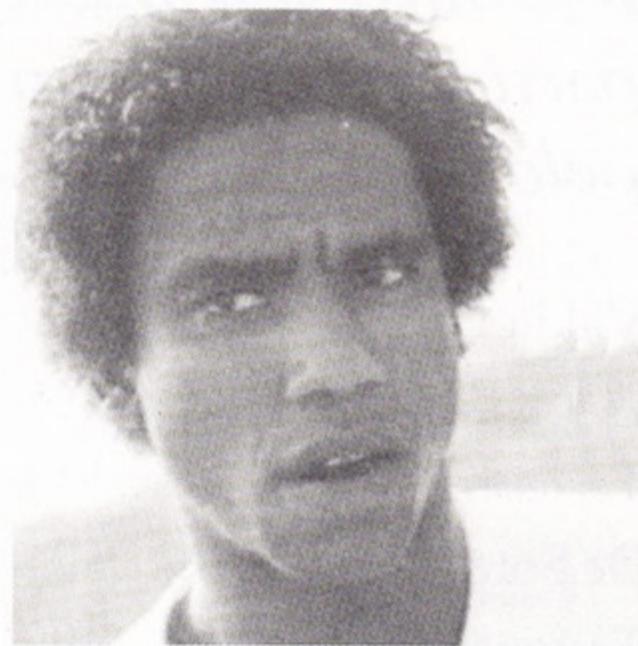
AVANTES

ade. Na edição 87 (janeiro/fevereiro 98) divulgaremos os votos de cada um.



Nome: Antônio Ferreira
Apelido: Toninho Guerreiro
Jogos disputados pelo SPFC: 152
Data de entrada no clube: 25/08/69
Data de saída: 23/03/74
Gols marcados no SPFC: 86
Nascimento: 10/08/42, em Bauru, SP
Falecimento: 26/01/90
Títulos conquistados no SPFC: bicampeão paulista, 70/71
Outros clubes em que atuou: Noroeste e Santos (antes do SPFC) e Noroeste (depois)

Era um dos bons do Santos quando foi contratado. No seu primeiro ano de São Paulo, 1970, foi campeão e no segundo, bi. Aliás, pentacampeão, já que havia sido tri no Santos, em 67/68/69. Era um craque espetacular, artilheiro, esperto, rápido, jogador de categoria que sabia tocar, lançar, driblar, catimbar... Sabia tudo de futebol e tinha uma raça incrível, daí seu apelido de Guerreiro. Foi injustiçado na Seleção Brasileira na Copa de 70, cortado por uma "bronquite" que nunca o havia atrapalhado antes. Muita gente diz, até hoje, que ele teria feito ainda melhor do que Jairzinho. Toninho foi o artilheiro dos Paulistas de 70 e 72 pelo SPFC. Antes, no Santos, havia sido em 66. Em 74 retornou ao Noroeste, para encerrar a carreira.



Nome: Sérgio Bernardino
Apelido: Serginho
Jogos disputados pelo SPFC: 393
Data de entrada no clube: 1º/01/74
Data de saída: 17/01/83
Gols marcados no SPFC: 242
Nascimento: 23/12/53, em São Paulo
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 75, 80 e 81 e campeão brasileiro de 77
Outros clubes em que atuou: Marília (emprestado pelo SPFC) e Santos, Corinthians e São Caetano (depois)

Era insuperável quando partia para o gol. Desengonçado, parecia que ia cair, mas nunca caía. Recuperava o equilíbrio em plena carreira e pimba. Era gol na certa. Usava os braços e o corpo com uma habilidade também incrível. Bola na sua esquerda era gol; na direita, meio gol. Alto, fazia ainda muitos gols de cabeça. Era bom também para bater faltas e pênaltis. Tinha uma empatia especial com a torcida porque sabia provocar os adversários, quer com declarações fora do campo ou com atitudes "consagradoras" (algumas intempestivas) dentro. A torcida adorava a mistura do jogo eficiente com o comportamento malandro. É o maior artilheiro da história do SPFC. Não foi à Copa de 78 por causa de uma suspensão por 14 meses, mas foi o centroavante titular do Brasil na de 82.



Nome: Antônio de Oliveira Filho
Apelido: Careca
Jogos disputados pelo SPFC: 188
Data de entrada no clube: 21/01/83
Data de saída: 03/08/87
Gols marcados no SPFC: 112
Nascimento: 05/10/60 em Araraquara, SP
Títulos conquistados no SPFC: campeão paulista de 85 e 87 e campeão brasileiro de 86
Outros clubes em que atuou: Guarani (antes do SPFC) e Nápoli, Kashiwa do Japão e Santos

Tornou-se conhecido no Guarani, em 78, com o título de campeão brasileiro e uma atuação de destaque na final, frente ao Palmeiras. Quando foi contratado pelo São Paulo estava em baixa, passando por um período tão ruim que para muitos não tinha retorno. Mas estrutura, a camisa e o glamour do São Paulo se encarregaram de recuperar este grande craque - importantíssimo nas conquistas dos títulos paulistas de 85 e 87 e do brasileiro de 86. Neste último, aliás, marcou um gol inesquecível na final contra o Guarani, empatando o jogo no último segundo da prorrogação. Jogou na Seleção Brasileira nas Copas de 86 e 90. Foi também campeão italiano pelo Nápoli, formando dupla com o argentino Diego Maradona. No final da carreira atuou, também com destaque, no Japão.

o campeão mundial interclubes, estava apanhando por 4 a 1 e "correu" de campo para não tomar mais, dia 15/08/63; Mirandinha, onal em 77; Prado, craque da primeira metade da década de 60, que não ganhou títulos porque naquela época a preocupação do gada de Toninho Guerreiro. Casagrande também foi lembrado, apesar de ter permanecido pouco tempo no Tricolor, em 84.

ESTATÍSTICA

Técnicos que mais ganharam títulos no SPFC

Telê Santana

Campeonato Paulista 91
Campeonato Brasileiro 91
Campeonato Paulista 92
Libertadores 92
Libertadores 93
Mundial Interclubes 92
Mundial Interclubes 93
Supercopa da Libertadores 93
Recopa Sul-americana 93
Recopa Sul-americana 94
Copa dos Clubes Brasileiros
Campeões Mundiais 95

Jorge de Lima, Joreca

Campeonato Paulista 43
Campeonato Paulista 45
Campeonato Paulista 46

Vicente Feola

Campeonato Paulista 48
Campeonato Paulista 49

Carlos Alberto Silva

Campeonato Paulista 80
Campeonato Paulista 89

Otacílio Pires de Camargo, Gilinho

Campeonato Paulista 85
Campeonato Paulista 87

Muricy Ramalho

Copa Conmebol 94
Copa dos Clubes Brasileiros Campeões Mundiais 96

É importante ressaltar que eram do São Paulo e foram 'emprestados' à Seleção Brasileira os técnicos campeões do mundo de 1958 e 1962, Vicente Feola e Aimoré Moreira.

Jogadores que mais partidas disputaram pelo SPFC

Valdir Perez	597
Poy	565
Teixeirinha	533
De Sordi	501
Terto	499
Gino	450
Dias	450
Nelsinho	447
Mauro	444
Zetti.....	428
Dario Pereyra.....	402
Bauer	401
Canhoteiro	383
Müller	379
Pedro Rocha	375
Paraná	374
Remo	357
Zé Sérgio	348
Chicão	331
Maurinho	328
Getúlio	323
Noronha	309
Raí	296
Dino	292
Oscar	292

Jogadores que mais tempo atuaram no SPFC

Teixeirinha	16a	07m
De Sordi	13a	07m
Poy	12a	10m
Dias	12a	03m
Mauro	12a	01m
King	11	anos
Savério	11	anos
Remo	10a	11m
Valdir Perez	10a	11m
Dario Pereyra.....	10a	10m
Jurandir	10a	05m
Bauer	10a	03m
Nelsinho.....	10a	01m
Luizinho.....	10	anos
Ruy Campos	10	anos
Benê	09a	10m
Terto	09a	10m
Canhoteiro	09a	10 m
Noronha	09a	06m
Pedro Rocha	09	anos
Paraná.....	08a	07m
Sérgio.....	08a	04m
Ronaldo	08a	02 m
Müller	08	anos

ESTATÍSTICA

Jogadores que mais títulos conquistaram no SPFC

Na lista abaixo estão os jogadores que conquistaram cinco ou mais títulos de importância maior atuando com a camisa do São Paulo.

Müller - 12

Campeonato Paulista 85
Campeonato Brasileiro 86
Campeonato Paulista 87
Campeonato Paulista 91
Campeonato Brasileiro 91
Campeonato Paulista 92
Libertadores 92
Libertadores 93
Mundial Interclubes 92
Mundial Interclubes 93
Supercopa da Libertadores 93
Copa dos Clubes Brasileiros
Campeões Mundiais 96

Ronaldo - 12

Campeonato Brasileiro 86
Campeonato Paulista 87
Campeonato Paulista 89
Campeonato Paulista 91
Campeonato Brasileiro 91
Campeonato Paulista 92
Libertadores 92
Libertadores 93
Mundial Interclubes 92
Mundial Interclubes 93
Supercopa da Libertadores 93
Recopa Sul-americana 93

Zetti - 12

Campeonato Paulista 91
Campeonato Brasileiro 91
Campeonato Paulista 92
Libertadores 92
Libertadores 93
Mundial Interclubes 92
Mundial Interclubes 93
Supercopa da Libertadores 93
Recopa Sul-americana 93
Recopa Sul-americana 94
Copa dos Clubes Brasileiros
Campeões Mundiais 95
Copa dos Clubes Brasileiros
Campeões Mundiais 96

Cafu - 10

Campeonato Paulista 91
Campeonato Brasileiro 91
Campeonato Paulista 92
Libertadores 92
Libertadores 93
Mundial Interclubes 92
Mundial Interclubes 93
Supercopa da Libertadores 93
Recopa Sul-americana 93
Recopa Sul-americana 94

Nelsinho - 8

Campeonato Paulista 80
Campeonato Paulista 81
Campeonato Paulista 85
Campeonato Brasileiro 86
Campeonato Paulista 87
Campeonato Paulista 89
Campeonato Paulista 91
Libertadores 92

Adilson - 8

Campeonato Brasileiro 86
Campeonato Paulista 87
Campeonato Paulista 89
Campeonato Paulista 91
Campeonato Paulista 92
Libertadores 92
Mundial Interclubes 92
Libertadores 93

Palhinha - 8

Campeonato Paulista 92
Libertadores 92
Libertadores 93
Supercopa da Libertadores 93
Mundial Interclubes 92
Mundial Interclubes 93
Recopa Sul-americana 93
Recopa Sul-americana 94

Raí - 7

Campeonato Paulista 89
Campeonato Paulista 91
Campeonato Brasileiro 91
Campeonato Paulista 92
Libertadores 92
Libertadores 93
Mundial Interclubes 92

Vítor - 7

Campeonato Paulista 91
Campeonato Brasileiro 91
Campeonato Paulista 92
Mundial Interclubes 92
Libertadores 93
Recopa Sul-americana 94
Copa Conmebol 94

Válber - 7

Campeonato Paulista 92
Libertadores 93
Supercopa da Libertadores 93
Mundial Interclubes 93
Recopa Sul-americana 94
Copa dos Clubes Brasileiros
Campeões Mundiais 95
Copa dos Clubes Brasileiros
Campeões Mundiais 96

Teixeirinha - 6

Campeonato Paulista 43
Campeonato Paulista 45
Campeonato Paulista 46
Campeonato Paulista 48
Campeonato Paulista 49
Campeonato Paulista 53

Dario Pereyra - 6

Campeonato Brasileiro 77
Campeonato Paulista 80
Campeonato Paulista 81
Campeonato Paulista 85
Campeonato Brasileiro 86
Campeonato Paulista 87

Dinho - 6

Campeonato Paulista 92
Mundial Interclubes 92
Libertadores 93
Recopa Sul-americana 93
Supercopa da Libertadores 93
Mundial Interclubes 93

Toninho Cerezo - 6

Campeonato Paulista 92
Mundial Interclubes 92
Mundial Interclubes 93
Libertadores 93
Supercopa da Libertadores 93
Recopa Sul-americana 93

Juninho - 6

Supercopa da Libertadores 93
Mundial Interclubes 93
Recopa Sul-americana 93
Recopa Sul-americana 94
Copa Conmebol 94
Copa dos Clubes Brasileiros
Campeões Mundiais 95

Remo - 5

Campeonato Paulista 43
Campeonato Paulista 45
Campeonato Paulista 46
Campeonato Paulista 48
Campeonato Paulista 49

Leônidas - 5

Campeonato Paulista 43
Campeonato Paulista 45
Campeonato Paulista 46
Campeonato Paulista 48
Campeonato Paulista 49

Noronha - 5

Campeonato Paulista 43
Campeonato Paulista 45
Campeonato Paulista 46
Campeonato Paulista 48
Campeonato Paulista 49

Bauer - 5

Campeonato Paulista 45
Campeonato Paulista 46
Campeonato Paulista 48
Campeonato Paulista 49
Campeonato Paulista 53

Oscar - 5

Campeonato Paulista 80
Campeonato Paulista 81
Campeonato Paulista 85
Campeonato Brasileiro 86
Campeonato Paulista 87

Zé Teodoro - 5

Campeonato Paulista 85
Campeonato Brasileiro 86
Campeonato Paulista 87
Campeonato Paulista 89
Campeonato Brasileiro 91

Leônidas, Deus da Bola.

Sua estréia no São Paulo, contra o Corinthians, dia 24 de maio de 1942, levou ao Pacaembu o maior público até hoje registrado no estádio municipal, 74.078 pagantes. Foi após sua contratação que o São Paulo consolidou-se como time grande, ganhador de títulos.

Paulo Planet Buarque*

Tal como seu famoso homônimo, vencedor da Batalha das Termópilas, Leônidas foi um vencedor. Desde o instante em que apareceu no então Clube Sírio, no subúrbio do Rio, ele foi um notório ganhador. Até hoje se discute sobre quem tenha sido melhor, se Fried, ele ou

Pelé. Leônidas foi completo. Chutava perfeitamente bem com a direita e a esquerda, favorecido pelos seus pés pequenos; cabeceava como poucos e sabia fintar, sendo extremamente

inteligente. Além disso, tinha outras qualidades, entre as quais, gostar de jogar. Foi o grande estopim da transformação são-paulina, em 1942. Com Décio Pacheco Pedroso na presidência, Paulo de Carvalho no Departamento de Futebol e a contratação de Leônidas, o São

Paulo começou a ganhar campeonatos, um atrás do outro. O São Paulo é um clube que necessita ter grandes craques e notáveis equipes. É o seu destino. Leônidas, o incomparável, foi o precursor.

* Presidente do Conselho Deliberativo do SPFC

Bauer: "O futebol brasileiro deve ser dividido em duas etapas: a de Leônidas e a de Pelé. Acho que foi com Leônidas que Pelé aprendeu aquela manha de fingir que estava fora do jogo, amarrando a chuteira e, de repente, apanhar a bola e fazer o gol, deixando o adversário completamente tonto".

Ruy: "Leônidas foi uma espécie de equação entre os centroavantes que o antecederam. Nunca vi um jogador tão apaixonado pela vitória."

Luizinho: "Dava gosto jogar com Leônidas. Era um espetáculo

e, além disso, solidário com os companheiros, corajoso e interessado".

Teixeirinha: "Sempre procurou ajudar os mais novos e foi a maior estrela da sua época".

Yeso: "Nunca vi o Leônidas chutar uma bola por cima do travessão. O seu poder de realização dentro da área era incrível. Acertava o gol de

qualquer distância. Só falava de futebol dentro do campo. Fora, era educado e culto".

Poy: "Entre Pelé e Leônidas existe uma diferença, a mídia eletrônica. Quando cheguei da Argentina, ainda sem entender direito o português, fui adotado por ele. Dentro do campo era um guerreiro, não admitia perder nem nos treinos. Nos últimos anos da

carreira, com o joelho direito comprometido, passou a jogar quase só com a

perna esquerda. Era incrível o que conseguia fazer".

José Augusto Bastos Neto (conselheiro): "O Brasil teve três deuses no futebol: Fried, na época do amadorismo; Leônidas, na época do romantismo; e Pelé, no profissionalismo – porém apenas os dois primeiros se completaram como jogador, pois tiveram o privilégio de jogar no São Paulo".

Os maiores

Quando escolheram os maiores jogadores do São Paulo de todos os tempos, os conselheiros os relacionaram por posição, o que ensejou a formação de três Seleções dos Sonhos, A, B e C. Veja-as nas páginas seguintes, bem como o índice percentual dos craques mais votados.

No final de 1996, o conselho editorial da *São Paulo Notícias*, formado por diretores, conselheiros, torcedores e colaboradores, todos são-paulinos até a raiz do cabelo, decidiu publicar uma matéria sobre os maiores jogadores do São Paulo em todos os tempos, para formar o Time dos Sonhos ou a Seleção do SPFC.

Primeira discussão: quem seriam os eleitores? Poderiam ser torcedores desconhecidos, personalidades, jornalistas, diretores, enfim, foram sugeridas várias formas de se escolher os craques.

Decidiu-se que a escolha seria feita pelos conselheiros, por ser o Conselho Deliberativo o órgão mais representativo da chamada "alma são-paulina" ou "espírito são-paulino".

Quando se forma uma Seleção de Todos os Tempos, comete-se uma injustiça: às vezes, o jogador escolhido para uma posição ganhou de outro por apenas um voto e esse segundo colocado nem é citado na

a escolha fosse feita escalonada por equipes – obviamente porque não seria conveniente, nem lógica, a escolha de 20 centroavantes ou 20 goleiros entre os 30 preferidos.

Ao longo do ano passado, edições 81 a 86, a *São Paulo Notícias* foi publicando os seis maiores de cada posição, sem, entretanto, revelar o número de

votos de cada um. Nesta edição, depois de ponderar os votos (com peso maior ao dado ao jogador escalado na Seleção A, depois na B, na C e na reserva), consolidamos a pesquisa – mostrando, nas páginas seguintes, as três principais seleções de todos os tempos do SPFC e os jogadores que obtiveram os melhores índices individualmente, na opinião dos conselheiros.

de todos

reportagem. Para evitar a injustiça, a *São Paulo Notícias* pediu aos conselheiros que escolhessem, cada um, um mínimo de 30 jogadores e um máximo de 50. Os conselheiros com mais de 60 anos (por terem visto maior número de jogadores) escolheram 50 jogadores; os com idade entre 51 e 60 anos, 40 jogadores; e os com até 50 anos, 30 jogadores. A SPN pediu também que

os tempos

AS SELEÇÕES

A



Poy



De Sordi



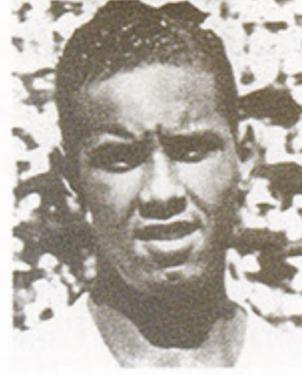
Mauro



Dario Pereyra



Noronha



Bauer



Gérson



Muller



Zinho



Leônidas



Canhoteiro

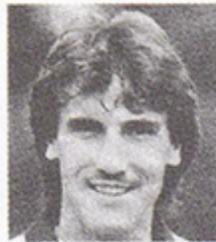
B



Zetti



Forlan



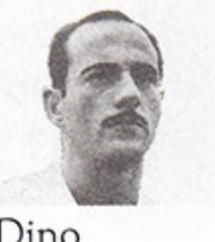
Oscar



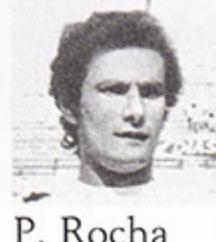
Dias



Leonardo



Dino



P. Rocha



Maurinho



Raí



Careca



Zé Sérgio

C



W. Perez



Cafu



Bellini



Rui



Alfredo



Chicão



Remo



Luizinho



Sastre



Serginho



Teixeirinha

OS MAIS VOTADOS

As seleções à esquerda foram formadas pelos votos ponderados, com pesos diferenciados, dos conselheiros. Os índices desta página indicam o percentual de votação que cada jogador recebeu da totalidade dos votos dos conselheiros que os viram jogar. Que tal chamarmos os sete primeiros, por terem obtido 100% dos votos, de “os sete craques de ouro”?

Friedenreich	100%	Muller	86,3
Leônidas	100%	Rui	86,1
Canhotoiro	100%	Sastre.....	85,0
Bauer	100%	Oscar	84,0
Zizinho	100%	Careca	81,8
Mauro	100%	Maurinho	81,6
Gérson.....	100%	Leonardo	79,5
Pedro Rocha.....	95,4	Teixeirinha	77,7
Noronha.....	94,4	Forlan.....	77,2
Poy	93,3	Serginho	77,2
Zetti.....	93,1	Chicão.....	75,0
Dias	90,9	Zé Sérgio	75,0
De Sordi	90,9	Toninho	75,0
Raí	90,9	Pita	72,7
Dario Pereyra	89,2	Dino	70,4
Waldir Perez	88,6	Luizinho	70,2
		Gino	70,1

A história do São Paulo também é riquíssima

por gols

Serginho, 242

Gino, 232

Teixeirinha, 184

Müller, 158

Leônidas, 140

Maurinho, 133

Pedro Rocha, 113

Careca, 112

Raí, 111

Remo, 105

Na lista acima, entraram apenas jogadores que fizeram mais de cem gols com a camisa do SPFC.



por campeonatos

Campeonato Paulista

Nos 68 campeonatos paulistas que disputou, o SPFC fez 13 artilheiros. A saber:

1933 – Waldemar de Brito, 21

1938 – Elyseo de Siqueira, 13

1944 – Luizinho, 22

1949 – Friaça, 24

1956 – Zezinho, 18

1970 – Toninho Guerreiro, 13

1972 – Toninho Guerreiro, 17

1975 – Serginho, 19

1977 – Serginho, 32

1985 – Careca, 23

1991 – Raí, 20

1995 – Bentinho, 20

1997 – Dodô, 19

Friedenreich foi artilheiro do Campeonato Paulista nove vezes, mas nenhuma pelo SPFC, onde jogou de 30 a 34, já em fim de carreira.

Campeonato Brasileiro

Nos 26 campeonatos que disputou, o São Paulo fez

três artilheiros. A saber:

1972 – Pedro Rocha, 17

1986 – Careca, 25

1987 – Müller, 15

Torneio Rio-SP

Nos Rio-SP que disputou, o SPFC fez três artilheiros. Ou seja:

1933 – Waldemar de Brito, 33

1958 – Gino, 12

1998 – Dodô, 5

Libertadores

O São Paulo disputou a Libertadores da América oito vezes. Fez o artilheiro de três edições, a saber:

1972 – Toninho Guerreiro, 6

1974 – Terto, 7

1992 – Palhinha, 7

Conmebol

O São Paulo, por ter sido o 4º colocado no Brasileiro de 93, disputou apenas uma Conmebol, venceu-a e fez o artilheiro, a saber:

1994 – Juninho, 5

gols, em goleadores e em goleadas. Veja aqui.

em um só jogo



6 GOLS

Sastre, 9 a 0 na Portuguesa

Santista, 1943

5 GOLS

Augusto, 10 a 0 Guarani, 1950

Raí, 6 a 0 Noroeste, 1992

Dodô, 5 a 0 Cruzeiro, 1997

Dodô 7 a 1 União São João, 1997

4 GOLS

Elíseo, 4x0 Espanha, 1938

Euclides, 6x2 Ipiranga, 1939

Euclides, 5x1 Flu-RJ, 1939

Leopoldo, 10x0 Ourinhos, 1943

Luizinho, 8x2 SPR, 1944

Leônidas, 12x1 Jabaquara, 1945

Remo, 12x1 Jabaquara, 1945

Luizinho, 7x0 Juventus, 1946

Luizinho, 7x1 no Barretos, 1946

Teixeirinha, 7x1 Fla-RJ, 1946

China, 8 a 0 Araçatuba, 1949

Lanzoninho, 4x1 Nac.-SP, 1956

Zezinho, 5 x1 XV Pir., 1956

Ney Blanco, 7x0 Linense, 1957

Gino, 6x2 Ponte Preta, 1957

Prado, 8x0 Noroeste, 1965

Paraná, 6x1 P. Santista, 1965

Serginho, 4x0 Ferroviário, 1982

Guilherme, 4x1 Tenerife, 1993

Sastre atuou no Tricolor de 1943 a 1946. Veio do Independiente. Ajudou a formar e a consolidar o Esquadrão de Aço dos anos 40. Dodô quebrou um recorde em 26/10 último: foi o primeiro jogador do SPFC a marcar duas vezes cinco gols em um só jogo.

por média

Dodô, 0,800 (56 gols em 70 jogos)

Friaça, 0,727 (48/66)

Luizinho, 0,680 (96/141)

Leônidas, 0,663 (140/211)

Serginho, 0,618 (242/393)

Careca, 0,595 (112/188)

Albella, 0,580 (47/81)

Toninho, 0,565 (86/152)

Gino, 0,515 (232/450)

Pardal, 0,508 (58/114)

Sastre, 0,449 (58/129)

Müller, 0,416 (158/379)

Maurinho, 0,405 (133/328)

Foram selecionados na lista acima apenas os jogadores que atuaram em 50 ou mais jogos oficiais com a camisa do SPFC.

Que gols!

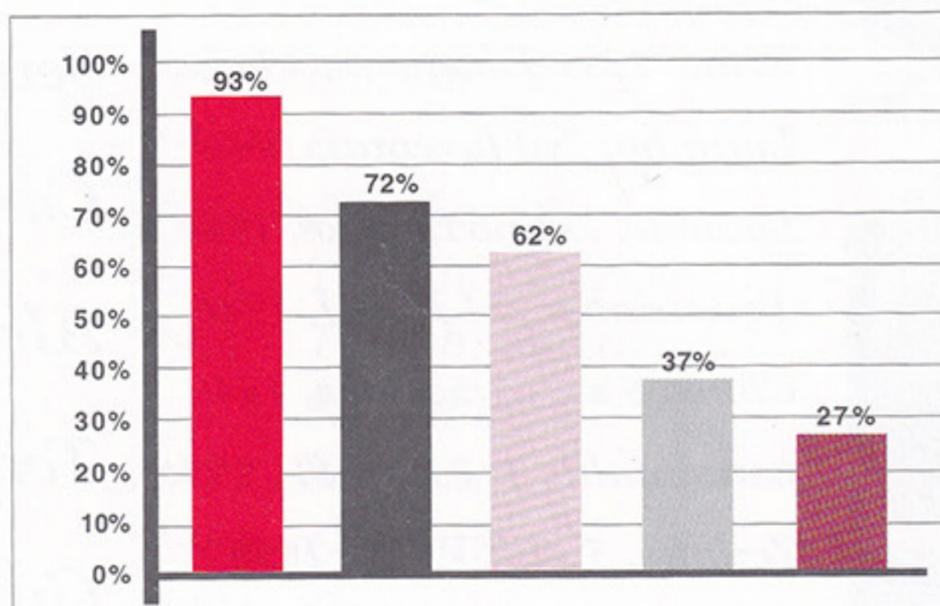
*Os conselheiros do São Paulo responderam a esta pergunta: "Quais foram os cinco gols mais emocionantes da história do SPFC na sua opinião?"
Veja abaixo os resultados da pesquisa.*

Além dos maiores jogadores do São Paulo em todos os tempos e a distribuição deles nas seleções A, B e C, os conselheiros são-paulinos escolheram também os gols mais emocionantes da história do Tricolor. O grande vencedor foi o gol de Raí, de falta, contra o Barcelona, gol que decretou o placar final de 2 a 1 para o São Paulo e a conseqüente conquista do nosso primeiro título mundial interclubes, dia 13 de dezembro de 1992, em Tóquio. Lembram-se como foi? Raí tocou para Cafu este apenas aparou e Raí veio com toda a fé, como se fosse cobrar uma nova falta, e mandou a bola às redes do goleiro Zubizarreta. Que golaço! Que vibração, que emoção, que alegria! O segundo gol mais emocionante da história do SPFC na opinião dos conselheiros foi o gol do bicampeonato mundial, dia 12 de dezembro de 1993, no mesmo Estádio Nacional de Tóquio. Foi aquele gol mágico de Muller, de calcanhar, que deu números finais, 3 a 2, ao jogo com o Milan. Outro gol fantástico, espetacular, incrível, inesquecível. O terceiro foi o de Careca, o último da prorrogação dos 3 a 3 da final do Campeonato Brasileiro de 86, com o Guarani, em Campinas, aos 15 minutos do segundo tempo. O gol levou a decisão para os pênaltis e o Tricolor

ficou com o título. Aquele chute de esquerda foi bárbaro, não foi? O quarto gol mais emocionante do SPFC, para os conselheiros, foi marcado por Maurinho, na final do Campeonato Paulista de 1957 contra o Corinthians. O São Paulo já ganhava por 2 a 1, o Corinthians pressionava em busca do empate. Aí o Flecha arrancou, venceu a defesa

corinthiana na velocidade, perguntou ao goleiro Gilmar em que canto ele queria e mandou a bola para as redes. Gilmar ficou ofendido e quis brigar. O placar do Pacaembu estampava: SPFC 3 a 1. O quinto gol foi um diamante de rara beleza, marcado há 50 anos por Leônidas, o Diamante Negro, de bicicleta. Foi num 8 x 0 no

Juventus, no Pacaembu, pelo Campeonato Paulista de 1948. Um gol que ficou registrado para a história por uma foto que resiste aos tempos e continua enfeitando vários setores do clube (Memorial, entre eles) e certamente a casa de muitos são-paulinos pelo Brasil afora. Afinal, time que tem história, tem história!



Os cinco gols mais emocionantes na opinião dos conselheiros

■ Gol de Raí contra o Barcelona / Mundial de 1992	2 x 1
■ Gol de Müller contra o Milan / Mundial de 1993	3 x 2
■ Gol de Careca contra o Guarani / Brasileiro de 1986	3 x 3
■ Gol de Maurinho contra o Corinthians / Paulista de 1957	3 x 1
■ Gol de Leônidas contra o Juventus / Paulista de 1948	8 x 0

Do 6º ao 15º

■ Gol de Everton contra o Botafogo (RJ) - Brasileiro/81	3 x 2
■ Gol de Renganeschi contra o Palmeiras - Paulista/46	1 x 0
■ Gol de Pita contra o Palmeiras - Brasileiro/85	4 x 4
■ Gol de Serginho Chulapa contra o Palmeiras - Paulista/78 (Prorrog) ...	1 x 0
■ Gol do Mário Tilico contra o Bragantino - Brasileiro/81	1 x 0
■ Gol de Toninho Guerreiro contra o Palmeiras - Paulista/71	1 x 0
■ Gol de Lourival contra o Corinthians - Paulista/67	1 x 1
■ Gol de Raí contra o Corinthians - Paulista/91	3 x 0
■ Gol de Peixinho contra o Sporting - Inauguração Estádio/60	1 x 0
■ Gol de Careca contra o Fluminense - Brasileiro/86	2 x 0

Os maiores

Os outros esportes que não o futebol também deram grandes ídolos para o São Paulo, mormente o atletismo e o boxe, de muito glamour e prestígio em meados do século. Eles não poderiam faltar nesta galeria dos Maiores de Todos os Tempos.

É verdade que o São Paulo é Futebol Clube, tendo portanto o futebol como sua maior bandeira, mas a história mostra conquistas do mesmo modo importantes em outros esportes – como no basquete (campeão paulista de 1943), na esgrima (campeão paulista de 1944), judô e principalmente no boxe e no atletismo. Vitórias que o consolidaram como clube poliesportivo.

Os tempos áureos do atletismo tricolor foram os anos 40/50/60. Começaram em 1942, com a conquista do título estadual pela equipe feminina, intensificaram-se com a compra do Canindé e a contratação do técnico Dietrich Gerner e da equipe recordista sul-americana dos 4x400m, composta por Eduardo de Pietro, Bento de Assis, Mário Pini e P. Guerardi, estendendo-se até meados de 60. Nesse período, a masculina ganhou 20 títulos estaduais, de 1944 a 1957, e de 1961 a 1966. O São Paulo ganhou ainda o 1º Troféu Brasil de Atletismo, em 1944 e os sete

seguintes, até 1951. A láurea máxima do atletismo tricolor foram os dois recordes mundiais de salto triplo batidos por Adhemar Ferreira da Silva, nas Olimpíadas de Helsinque, em 1952, e no Pan-americano do México, em 1955,

de todos

simbolizados nas duas estrelas que enfeitam a bandeira do clube. A exemplo do atletismo, o boxe são-paulino também tem vários títulos estaduais, nacionais, sul-americanos e pan-americanos. Só de paulistas por equipe são 18 (1944 a 1955, 1958/1959, 1992 a 1995), um recorde difícil de ser batido. Só não tem mundiais porque Éder Jofre, por força de lei, teve de cancelar seu registro no SPFC quando se tornou profissional. Mas a base de Éder – campeão mundial dos pesos galos em 1960 e dos pesos penas em 1973 – foi dada na Academia da Rua Santa

Ifigênia, patrocinada pelo São Paulo e comandada pelo pai dele, Kid Jofre.

No judô, o São Paulo também tem história internacional, feita por um atleta, como Éder, são-paulino e fora-de-série: Aurélio Miguel. Seus

primeiros passos no esporte foram dados nos tatames do Morumbi – de onde partiu para uma medalha de ouro olímpica (Barcelona-

92) e duas mundiais (Hamilton-93 e Paris-97).

Os tempos se modificaram, o boxe e o atletismo já não têm o glamour dos anos 40/60. Mas os ídolos permanecem – e alguns deles, apontados por pesquisas entre os conselheiros, estão nas páginas seguintes. O clube, entretanto, acompanhou os tempos. Se continua mantendo esportes antigos, abre-se também para os novos – e num deles, a aeróbica, já tem um título mundial, conquistado em The Hague, Holanda, em outubro/96, pela atleta, associada e torcedora são-paulina Isamara Secati.

os tempos



O maior atleta brasileiro de todos os tempos é nosso: Adhemar Ferreira da Silva.

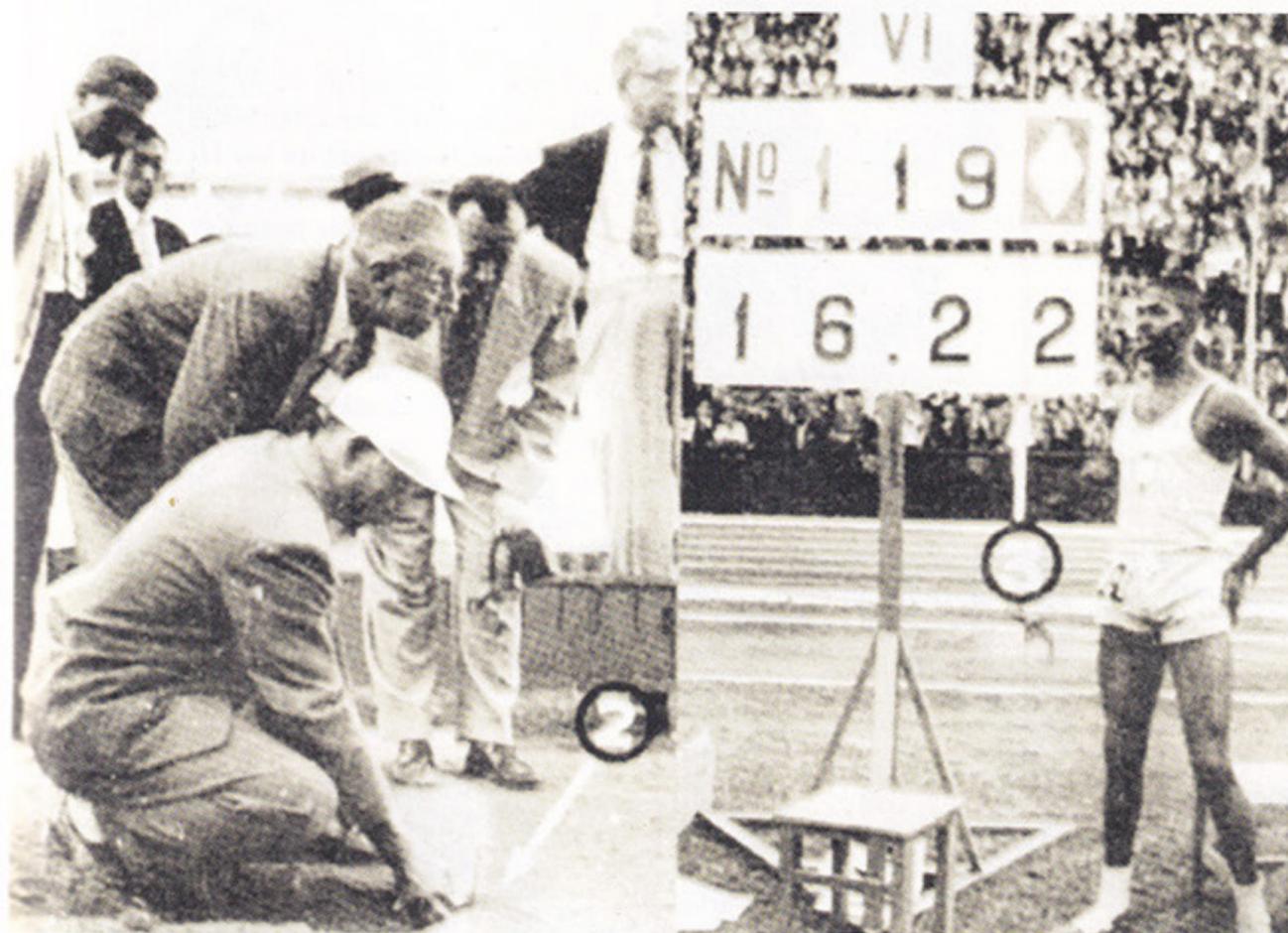
Adhemar Ferreira da Silva é o maior atleta brasileiro de todos os tempos, o único a ganhar duas medalhas de ouro olímpicas, Helsinque-52 e Melbourne-56, o único a quebrar várias vezes um recorde mundial, o do salto triplo. Duas dessas vezes – 16,22 metros nas Olimpíadas de Helsinque em 1952 e 16,56 metros no Campeonato Pan-Americano do México em 1955 – ficaram na história são-paulina, simbolizadas na bandeira do clube pelas duas estrelas que a enfeitam (detalhes na pág. 24).

Adhemar chegou ao São Paulo em 1947 e se interessou pelo salto triplo por influência de Ewald Gomes da Silva, atleta e dirigente são-paulino que mais tarde se tornou presidente da Federação Paulista e depois da Confederação Brasileira de Atletismo. No primeiro salto, diz a lenda, Adhemar alcançou 12,89 metros. No primeiro ano já foi campeão estadual, chegando a 14,64 metros, numa evolução tão impressionante que levou o técnico alemão Dietrich Gerner a começar a falar em sucesso internacional e recorde mundial. Em 2 de dezembro de 1950, Adhemar confirmava a previsão de Gerner: no Campeonato Paulista, disputado no Tietê, saltou 16 metros e igualou o recorde mundial que o japonês Tajima havia estabelecido 14 anos antes; em 30 de setembro de 1951, na pista do Fluminense, no Rio, saltou 16,01 metros, e superou a marca que imperava desde 1936. Mais ainda: no dia 23 de julho de 1952, nas Olimpíadas, ele bateu quatro vezes o recorde nas seis tentativas a que tinha direito: 16,04, 16,09, 16,12 e, finalmente, 16,22 metros.

Os finlandeses não acreditavam. Por causa dos 15 anos do recorde de Tajima, diziam existir estudos segundo os quais homem nenhum conseguiria ultrapassar a barreira dos 16 metros no salto triplo. Antes dos 16,04, 16,09, 16,12 e 16,22 das Olimpíadas houve quem duvidasse dos 16,01 estabelecidos na pista do Fluminense no ano anterior. Depois da sua grande glória em Helsinque-52, Adhemar teve seu recorde quebrado no ano seguinte, em um centímetro (16,23 metros), pelo soviético Vladimir Cherbakov – mas não se conformou. Preparou-se ainda com mais afinco para, nos Jogos Pan-americanos do México, em 1955, quebrar novamente o recorde mundial, saltando 16 metros e 56 centímetros. No final daquele ano, ele se mudou para o Rio. Deixou o SPFC e se tornou atleta do Vasco, clube ao qual era filiado quando ganhou sua segunda medalha de ouro olímpica, em Melbourne-56, saltando 16,35 metros.

ATLETISMO DE CAMPEÕES

Não se pode falar do atletismo vitorioso do São Paulo sem se falar em Dietrich Gerner, o técnico de Adhemar Ferreira da Silva e de outros campeões formados no Tricolor. O alemão Gerner veio do Pinheiros como atleta. Logo se tornou técnico e ganhou o respeito de todos pelo seu lado humano no tratar com os pupilos, sua dedicação e, como disse Adhemar ao repórter são-paulino Luiz Carlos Ramos na *SPN 64*, “porque conhecia os detalhes das corridas, arremessos e saltos e sabia ensiná-los”. Vários outros nomes se destacaram na época de ouro do atletismo tricolor (e brasileiro), como Wanda dos Santos, Bento de Assis Jr., Evald Gomes da Silva, Sebastião Manteiga, Pedro Andrade, Francisco de Assis Moura, Eduardo Di Pietro, os irmãos Olten e Edman Ayres de Abreu, Agenor da Silva, Geraldo Pinto, Mário Pini, João de Oliveira, Benedito Ferreira, Benedito Ribeiro, Alfredo de Oliveira Jr., Edgar Freire, Dayse de Castro Freire, Melânia Luz, Lourdes de Abreu, o “gentleman” Milton dos Santos, Natalo Jesus dos Santos, o “moço-veterano” Carlos Luiz Mossa ... Um deles, José João da Silva, registrou um feito extraordinário: ganhou a São Silvestre de 1980 (com chegada nos primeiros minutos de 1981) quebrando uma série de 34 anos de vitórias estrangeiras. Em 1983, José João repetiu a façanha, enriquecendo ainda mais o curriculum do atletismo do São Paulo.



Os finlandeses não acreditavam. Estudos feitos por eles concluíam que homem nenhum conseguiria ultrapassar a marca dos 16 metros no salto triplo. Mas qual o quê: ficaram assustados quando o nº 119, Adhemar Ferreira da Silva, nas suas seis tentativas permitidas, quebrou quatro vezes o recorde: 16,04, 16,09, 16,12 e, finalmente, 16,22.

José João da Silva, são-paulino que ganhou a São Silvestre de 1980/81 (começava às 23h30 e terminava pouco depois da meia-noite de 31 de dezembro) quebrando uma série de 34 anos de vitórias estrangeiras. Em 1983/1984, ele repetiu o feito.



Dietrich Gerner, o maior técnico de atletismo de todos os tempos do Brasil, a quem Adhemar Ferreira da Silva credita grande parte do sucesso dele e do atletismo do SPFC em geral.



O "gentleman" Milton dos Santos, campeão paulista, brasileiro e latino-americano (em Cuba-62) de arremesso de disco e peso, é o atleta mais antigo do SPFC, de 1947 até hoje. Atualmente defende a categoria master, na qual é recordista do continente.



Olten Ayres de Abreu, corredor de alto nível dos 200 e 400 metros rasos, 400 sobre barreiras e revezamento 4x400. Foi campeão paulista e brasileiro várias vezes. Tornou-se, nos anos 60/70, um dos melhores juízes de futebol do Brasil. É conselheiro do clube.



Benedito Ribeiro, outro grande astro do atletismo tricolor. Era ótimo nos 100, 200 e no revezamento, compondo uma equipe quase imbatível com Agenor da Silva, Francisco de Assis Moura e Evald Gomes da Silva.



Benedito Ferreira, ótimo atleta, velocista, especialista nos 100 e 200 metros rasos e no revezamento 4x100. Foi campeão paulista e brasileiro várias vezes. Seu auge foi na década de 50.



Francisco de Assis Moura, o Chicão, campeão paulista, brasileiro e sul-americano do declato (corridas de 100, 110c, 400 e 1.500 metros, saltos em altura, em extensão e com vara e arremessos de peso, disco e dardo). Em 1954, fez 50 mil pessoas vibrarem no Pacaembu ao vencer na última das dez provas o peruano até então o grande decatleta do continente.



Carlos Luiz Mossa, especialista nos 110c, prova em que foi campeão paulista, brasileiro e sul-americano. Foi um dos grandes atletas do São Paulo na época de ouro do atletismo, colaborando em tudo, não só com sua técnica. É o pai da também são-paulina Vera Mossa, atleta medalha de ouro do vôlei brasileiro.

Edman Ayres de Abreu, o grande corredor do São Paulo nos 400 rasos e 400 com barreiras, campeão paulista e brasileiro várias vezes. Integrou, também, a equipe tricolor campeã do revezamento 4x400 metros.



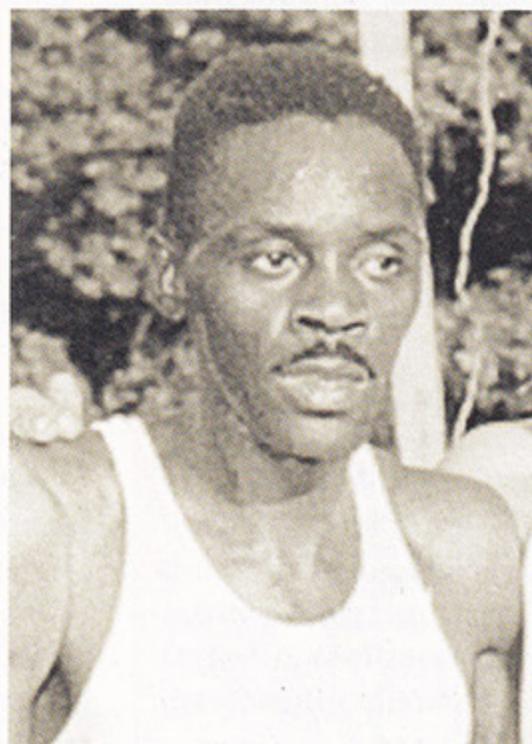
José Bento de Assis, velocista excepcional, que no entender de especialistas que acompanhavam o atletismo nos anos 40/50, faria frente, hoje, a atletas do nível de Carl Lewis. Naquela época, em pistas de terra (carvão), muito mais difíceis do que as de tartan de hoje, fazia 100 metros em 10,2 segundos.



Agenor da Silva, considerado um dos monstros sagrados do atletismo são-paulino e, conseqüentemente, brasileiro. Era imbatível nos 400, 800 e 1.500 metros, tendo sido campeão paulista, brasileiro e sul-americano várias vezes. As pessoas iam no estádio só para vê-lo. Fez diferença também em outro setor: é pai de 20 filhos.



Edgard Freire, hoje médico, vencedor da São Silvestre de 1943/44, uma das últimas antes da série de 34 vencidas por estrangeiros, especialista nos 3.000, 5.000 e 10.000 metros, provas em que foi campeão paulista várias vezes.





Wanda dos Santos, acostumada com o 1º lugar do pódio em competições estaduais, nacionais sul e pan-americanas. A maior atleta brasileira de todos os tempos. Foi recordista sul-americana nos 83 metros com barreiras (83c), além de várias vezes campeã paulista, brasileira e sul-americana na sua especialidade e também em outras, como revezamento e salto em distância. Participou da equipe brasileira na Olimpíada de 48, em Londres. É atleta master do SPFC, categoria em que tem ganho vários títulos internacionais.



Melânia Luz, recordista brasileira e sul-americana dos 100 e 200 metros. Destacava-se também no salto em extensão e no revezamento, ao lado de Dayse, Lourdes e Wanda.

Dayse Jordelino de Castro, craque em várias modalidades, principalmente nos 200 metros e no salto em extensão, além do revezamento. Foi recordista sul-americana e campeã pan-americana em 1951.



Lourdes de Abreu, velocista, especialista no 83c, e integrante da equipe recordista sul-americana de revezamento do SPFC, ao lado de Wanda, Melânia e Dayse. Foi campeã paulista várias vezes.

Maria José de Lima, já falecida, nordestina pequena, franzina, mas com uma tenacidade incrível. Destacava-se nos 100, 200, 400 e 800 metros, além do revezamento.



Por decisão do Conselho Deliberativo, os dois recordes mundiais de Adhemar Ferreira da Silva no salto triplo – 16,22 metros nas Olimpíadas de Helsinque, em 1952, e 16,56 metros no Pan-americano do México, em 1955 – ficariam, como de fato ficaram, eternamente simbolizados nas duas estrelas que fazem parte da bandeira do clube. Erram aqueles que imaginam terem sido os dois títulos mundiais de futebol interclubes os motivos das estrelas douradas, como também se enganam os que pensam terem sido as duas medalhas de ouro olímpicas do mesmo Adhemar. Quando ele ganhou a segunda, na Austrália, já não era mais atleta do SPFC, mas do Vasco da Gama. Mesmo que fosse, entretanto, a medalha de Melbourne não daria direito à estrela, visto que os estatutos do clube consignam essa honraria apenas a quebras de "marcas" mundiais. Como "título" não é "marca", o bi de Tóquio não está representado no símbolo tricolor, o mesmo acontecendo com os títulos de Éder Jofre e a conquista olímpica de Aurélio Miguel. Nos casos de Aurélio e Éder, há ainda mais um problema: quando venceram, não eram atletas inscritos no SPFC, mas ex-atletas. De qualquer modo, sempre estão recebendo homenagens do clube em reconhecimento a seus feitos. E também, é lógico, por serem são-paulinos, como nós. Os novos estatutos, que entrarão em vigor na próxima gestão administrativa do clube, tornam a honraria da estrela dourada mais abrangente, liberando-a também a títulos mundiais e olímpicos. O novo Conselho Deliberativo, então, poderá decidir se e quando devem ser colocadas novas estrelas (douradas) na bandeira do maior clube do Brasil.

Os estatutos consignam a honraria apenas a "marcas mundiais e olímpicas" de atletas filiados ao SPFC. Já os novos estatutos, em fase de aprovação, aumentam esse universo também para "títulos mundiais"



É nosso o maior pugilista de todos os tempos: Éder Jofre.



Dois grandes campeões: Vicente Feola e Éder Jofre.

Éder Jofre é o maior pugilista brasileiro de todos os tempos, o único a ganhar dois títulos mundiais, em 1960, dos pesos galos, derrotando o mexicano Eloy Sanchez numa luta histórica realizada em Los Angeles, e em 1973, dos pesos penas, superando o cubano-espanhol José Legrá, combate disputado em Brasília. O primeiro título valeu-lhe o apelido de Galo de Ouro e o reconhecimento internacional, que perdura até hoje, de ter sido o melhor peso galo da história do boxe. A final com Eloy Sanchez fez parte de uma série cuja semifinal, realizada pouco antes, foi contra Joe Medel. As duas lutas pararam São Paulo e o Brasil. O soco de Éder nocauteando Joe Medel no 10º e último assalto de um confronto super-equilibrado é cantado em verso e prosa até hoje pelos aficionados do pugilismo.

Os fãs de Éder não esquecem do mesmo modo da luta em que perdeu o título, para o japonês Masahiko "Fighting" Harada, em Tóquio. Os jurados japoneses foram parciais, no entender do Brasil inteiro. Éder parou logo depois e sem ele o boxe brasileiro perdeu o glamour dos anos 50. Retornou aos ringues em 1969 para reanimar o esporte - e de certa maneira o fez, ganhando outro título mundial, agora dos pesos penas, em 1973. Na comemoração dessa vitória, ainda no ringue, Éder vestiu a camisa do São Paulo. Lutou mais quatro anos, encerrando definitivamente a carreira em 1977.

BOXE DE CAMPEÕES

A Academia de Boxe das famílias Zumbano/Jofre, na Rua Santa Ifigênia, 176, 3º andar, no Centro de São Paulo, patrocinada pelo São Paulo, foi de longe a melhor do Brasil em todos os tempos. Sua época de ouro foram os anos 40/50/60, anos de ouro também desse esporte. Além de Éder, ela formou lutadores que se tornaram famosos, conquistaram títulos brasileiros e sul-americanos, a maioria treinada por Aristides Kid Jofre, pai de Éder. Kid era a alma da academia. Diz a lenda que ele era tão dedicado e tão exigente que chegavam a considerá-lo insensível. Seu filho campeão, entretanto, jamais deixou de elogiá-lo. "Devo tudo a ele, como pai e treinador", diz Éder, até hoje. O meio-pesado são-paulino Luís Inácio, o Luisão, foi o primeiro brasileiro a sagrar-se campeão pan-americano. Foi também o primeiro a lutar com um astro norte-americano, Archie Moore, no Brasil, em 1958. Kaled Cury, Pedro Galasso, Ralf Zumbano, Jorge Matuk, Vicente dos Santos, Lúcio Grotone, Jorge Sacoman, Paulo Sacoman, Osvaldo "Walcott" Assunção, Waldemar Adão, Oripes dos Santos, todos campeões brasileiros e sul-americanos, são alguns dos boxeadores da Academia da Rua Santa Ifigênia. Nos anos 90, o boxe tricolor voltou a se destacar, sob o comando do técnico Antônio Carollo, ganhando os títulos paulista e brasileiro de 1992 a 1995 - através de lutadores como Jorge Luiz de Melo, Arcelino de Freitas, Zely Ferreira, Rogério de Brito e outros.



Kid Jofre foi a alma do boxe brasileiro nos anos 40/60. Ele fez nossos maiores boxeadores, entre os quais seu filho Éder.



Ralph Zumbano, campeão paulista, brasileiro e sul-americano, com destaque também na Europa.



Luiz Inácio da Silva, o Luizão, o primeiro brasileiro a sagrar-se campeão pan-americano.



Jorge Luiz de Melo, bicampeão brasileiro e sul-americano e integrante da equipe brasileira na Atlanta-96.



Éder Jofre comemorou, vestido com a camisa do seu time do coração, o título mundial dos pesos penas, em Brasília, em 1973, repetindo a conquista de 1960, em Los Angeles, quando arrebatou o título dos galos.



Kaled Cury, um dos maiores incentivadores do boxe brasileiro, primeiro como lutador depois como cronista esportivo.



Paulo Sacomã: foi um ótimo amador e, como profissional, campeão brasileiro e medalha de prata no Pan-Americano de 1951, em Buenos Aires.



Osvaldo "Walcott" Assunção foi um ótimo amador e como profissional chegou a campeão brasileiro dos médios ligeiros.



Dois campeões: Éder Jofre e o patrono do São Paulo, ex-governador Laudo Natel. Os títulos de Éder só não se transformaram em estrelas da bandeira tricolor porque quando os ganhou ele era profissional.



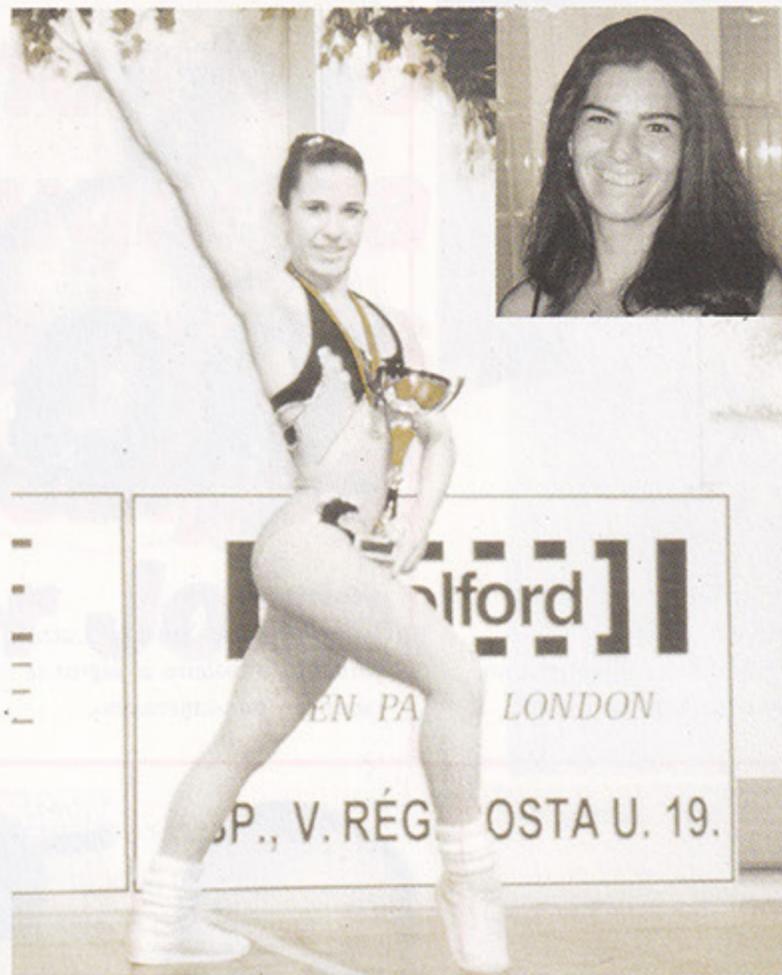
Pedro Galasso: o primeiro lutador brasileiro a conquistar um título sul-americano no box profissional, em agosto de 1958. Os argentinos dominavam tudo nesse esporte. Galasso nocauteou o argentino Salvia.

MAIORES

AERÓBICA

Isamara Secati, campeã mundial de aeróbica, é a atleta-símbolo dos dias atuais. Treinada por Luciana July (foto no destaque), outra das atuais musas do Tricolor, técnica também da Seleção Brasileira, Isamara ganhou ainda vários outros títulos nacionais e internacionais individuais e por equipes. Quando, no atletismo, Wanda, Melânia, Dayse, Lourdes e Maria José ganhavam competições e títulos para o São Paulo, a aeróbica não existia, nem a nossa mais recente campeã mundial havia nascido. Hoje, entretanto, são realidades.

Isamara foi medalha de ouro individual, categoria principal, do Mundial-96 e a aeróbica, embora



nova, já tem até história olímpica: entrou como esporte de exibição na Atlanta-96 e pode ser oficializada pelo Comitê Olímpico Internacional — COI na Sidney-2000. Quem lidera esta campanha é a Federação Internacional de Ginástica — FIG, entidade promotora do Campeonato Mundial de Aeróbica de 1996, realizado na cidade holandesa de The Hague. Se a aeróbica for mesmo oficializada na Sidney-2000, aumentarão as chances de a bandeira tricolor ganhar mais uma estrela dourada. Seria uma estrela moderna de um esporte moderno na bandeira de um clube que está sempre se modernizando.

FUTEBOL FEMININO



Kátia Cilene, 20 anos, é a grande artilheira do futebol feminino, a melhor do País e uma das melhores do mundo. Praticante de atletismo, é uma esportista completa. Velocista nata, quando sai em disparada, ninguém consegue pará-la. Está no São Paulo desde que o time foi formado, no ano passado. De lá para cá ganhou o título e foi a artilheira do Paulistana-97 e do Campeonato Brasileiro, para falar apenas dos dois campeonatos mais importantes da modalidade.

Sissi, 29 anos, é a líder e capitã do São Paulo, o melhor time do Brasil disparado. Foi campeã paulista e brasileira do ano passado, além de melhor jogadora das competições. É considerada por muitos como a melhor jogadora de futebol do mundo. Pertence ao seletivo grupo de craques que levam público aos jogos só para vê-los jogar. Tem tanta habilidade com a perna esquerda que é comparada a grandes craques canhotos da categoria masculina, como Pita e Rivelino.



Os dados referentes à pesquisa "Os Maiores de Todos os Tempos" têm o dia 31/12/97 como data-limite, à exceção da página 44, que registra também o artilheiro do Torneio Rio-São Paulo de 1998.

CONQUISTAS DO SPFC NO FUTEBOL

- Campeão Mundial Interclubes
1992-1993
- Campeão Sul-Americano
(Copa Libertadores de América)
1992-1993
- Campeão Brasileiro
1977, 1986, 1991
- Campeão Paulista
1931, 1943, 1945, 1946, 1948,
1949, 1953, 1957, 1970, 1971,
1975, 1980, 1981, 1985, 1987,
1989, 1991, 1992
- Campeão Continental (Supercopa
da Libertadores)
1993
- Campeão da Recopa Sul-americana
1993-1994
- Campeão da Conmebol
1994
- Campeão da Supercopa da Conmebol
1996
- Campeão da Copa dos Clubes
Brasileiros Campeões Mundiais
1995-1996

Outras Conquistas Internacionais Importantes

- 1955 - Pequena Taça do Mundo, Venezuela
Troféu Jarrito, México
- 1960 - Pentagonal de Guadalajara, México
Quadrangular de Cali, Colômbia
- 1963 - Pequena Taça do Mundo, Venezuela
- 1964 - Torneio Triangular de El Salvador
- 1969 - Torneio de Las Palmas
Troféu Colombino, Espanha (Huelva)
- 1982 - Torneio de Verão, Tampa (Flórida) EUA
- 1987 - Taça da Jamaica
Taça de Trinidad-Tobago
- 1989 - Torneio Hexagonal de León, México
- 1990 - Torneio da Amizade, Chile
Torneio Quadrangular do México
- 1991 - Taça Cidade de Barcelona,

- Espanha
1992 - Torneio Ramon de Carranza, Espanha
Torneio Tereza Herrera, Espanha
Taça Cidade de Barcelona, Espanha
- 1993 - Torneio Cidade de Santiago, Chile
Torneio Santiago de Compostela, Espanha
Torneio Jalisco, México
Torneio Cidade de Los Angeles, EUA
- 1994 - Taça San Lorenzo de Almagro
- 1997 - Taça Clubes Hermanos



Outras Conquistas Nacionais Importantes

- 1932 - Torneio Início do Campeonato Paulista
- 1940 - Torneio Início do Campeonato Paulista (Comemorativo à inauguração do Pacaembu)
- 1944 - Taça Cidade de São Paulo
- 1945 - Torneio Início do Campeonato Paulista
- 1946 - Taça dos Invictos - 30 jogos
- 1949 - Pentagonal Interestadual São Paulo-Rio
- 1950 - Taça Lineu Prestes
- 1952 - Taça Armando Arruda Pereira
- 1956 - Torneio Charles Miller
Torneio Roberto Gomes Pedrosa (Estadual)
- 1972 - Taça dos Invictos - 15 jogos
- 1975 - Taça dos Invictos - 39 jogos
- 1976 - II Copa São Paulo
Torneio Nunes Freire, Maranhão
Triangular de Maringá, Paraná
- 1980 - Taça Governador do Estado de

- São Paulo
1985 - Torneio Triangular Luiz Henrique Rosa, Santa Catarina
- 1988 - Taça Eduardo José Farah
- 1989 - Torneio do Centenário da República
- 1995 - Torneio Rei Dadá
- 1997 - Campeonato Paulista de Futebol Feminino
- 1997 - Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino

Disputas entre os Campeões de São Paulo e do Rio

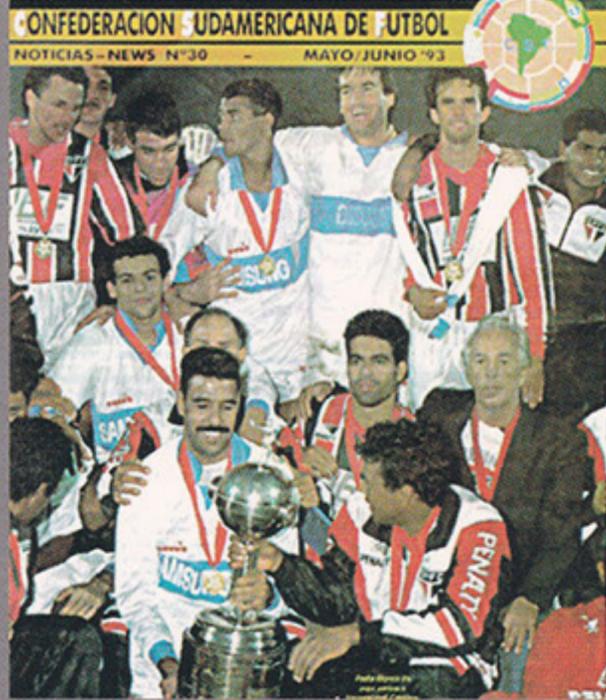
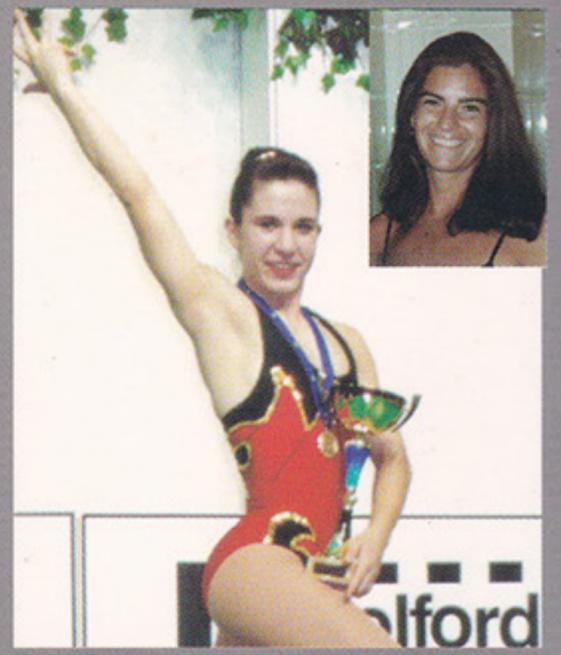
- 1931 - vencendo o América
- 1943 - vencendo o Flamengo
- 1946 - vencendo o Fluminense
- 1948 - vencendo o Botafogo
- 1953 - vencendo o Flamengo
- 1957 - vencendo o Botafogo
- 1975 - vencendo o Fluminense
- 1980 - vencendo o Fluminense
- 1985 - vencendo o Fluminense
- 1987 - vencendo o Vasco

Vices Campeonatos

- Sul-americano (Copa Libertadores de América) 1974, 1994
- Brasileiro 1971, 1973, 1981, 1989, 1990
- Continental (Supercopa da Libertadores) 1997
- Paulista 1930, 1932, 1933, 1934, 1938, 1941, 1944, 1950, 1952, 1956, 1958, 1962, 1963, 1967, 1972 (invicto), 1978, 1982, 1983, 1994, 1996, 1997
- Rio-São Paulo 1933, 1962, 1998
- Copa dos Clubes Brasileiros Campeões Mundiais 1997

Campeonatos de Aspirantes

- Campeão Paulista 1938 (invicto), 1940, 1942, 1943 (invicto), 1944, 1945, 1946, 1947, 1953, 1954, 1955, 1960, 1962, 1976, 1993, 1995



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2023



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ